

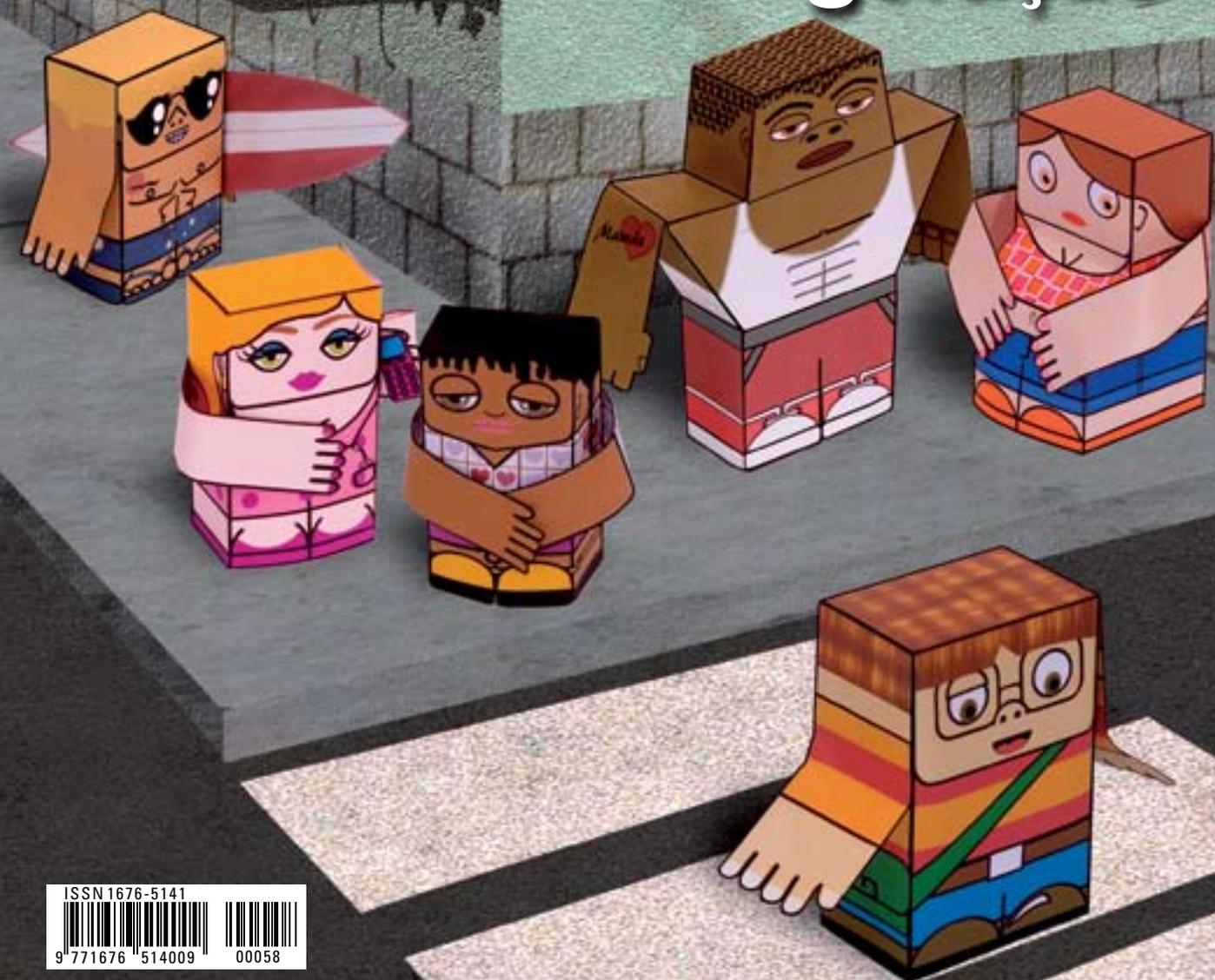
NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

Retrato de uma nova geração



ISSN 1676-5141



9 771676 514009 00058

Cesar Maia

Prefeito

Sonia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozorio

Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno

Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz

Assessora de Comunicação e Ouvidora

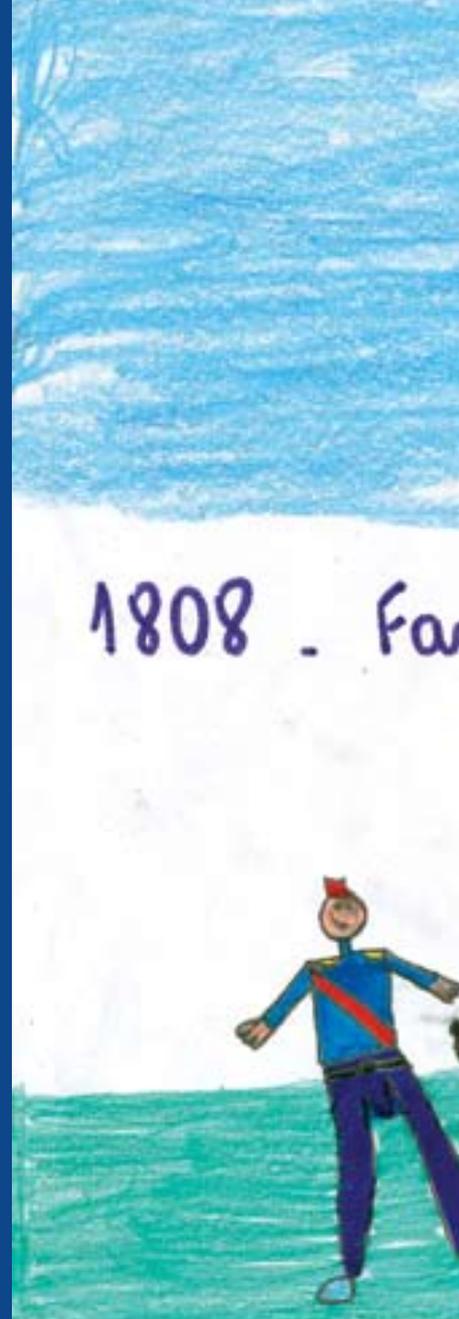
CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) •**Maria Inês Delorme** (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) •**Martha Neiva Moreira** (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária/SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Alneir Costa Pereira (8ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Diala Azevedo de Oliveira** (9ª CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessora de Integração/MULTIRIO) • **Kátia Pereira do Nascimento** (5ª CRE) • **Marcia dos Santos Gouvea** (E-DGED/DEF) • **Marcia Elizabeth N. da M. Vicente** (7ª CRE) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Valéria do Nascimento Querido** (6ª CRE) • **Vana Maria Silva de O. Sá** (1ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

GERÊNCIA PEDAGÓGICA: **Cristina Campos e Joanna Miranda**GERÊNCIA DE JORNALISMO: **Martha Neiva Moreira • Renata Petrocelli** (editora) • **Fábio Aranha, Carolina Bessa e Bete Nogueira** (reportagem) • **César Garcia** (copidesque e revisão) • **Alberto Jacob Filho** (fotografia)GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS/NTI: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação),**Adriana Simeone, Aline Carneiro, David Macedo e Gustavo Cador** (designers) •**Vivian Ribeiro** (produção gráfica)Impressão: **Cidade América Artes Gráfica**Tiragem: **36.500 exemplares**

EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Familia Real na Bahia.



Desenho de Matheus Matos dos Santos, de 8 anos de idade,
aluno da E. M. Brício Filho, 3ª CRE

4 editorial

5 cartas

6 ponto e contraponto

Tijolo com tijolo na memória

11 carioca

No cinema, sem escurinho

13 MULTIRIO na web

O internauta se manifesta

14 parceria

Educação contra a dengue

15 olho mágico

18 caleidoscópio

A tecnologia como parceira

21 professor on-line

Um lugar para a cultura afro

22 rede fala

Educação e cultura: singularidades da Colônia Agrícola Japonesa de Santa Cruz

24 sala de professores

Medicalização do fracasso escolar

27 capa

Educar, ouvir e cuidar

34 atualidade

Democratizar a informação

36 presente do futuro

Janela para o mundo infantil

39 pé na estrada

Imagens que contam história
Mais unidade na diversidade

44 foi assim

Febre, sangrias e purgantes

46 machadiano

A imparcialidade como marca

49 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

Um olhar sobre a infância



Sônia Mograbi
Secretária municipal
de Educação

Pensar o lugar da infância e da adolescência no mundo atual é tarefa importante para todos nós, professores e demais profissionais empenhados na construção de um processo de educação eficiente e de qualidade. Pensando nisso, NÓS DA ESCOLA dedica a matéria de capa deste mês ao tema Infância, juventude e conhecimento, buscando refletir sobre os imaginários que recobrem esta etapa da vida e sobre os diferentes contextos históricos, sociais e políticos que determinam a existência de múltiplas identidades para crianças e jovens cariocas e brasileiros.

Mantendo o olhar sobre o universo infanto-juvenil, a seção *Presente do futuro* debate o impacto das notícias divulgadas pela mídia entre as crianças. Com base em pesquisas e a partir do olhar de estudiosos sobre o tema, mostramos que a exposição cada vez maior aos conteúdos noticiosos veiculados sobretudo pela TV não é acompanhada de debate ou reflexão que os permita compreender em profundidade o que está acontecendo e lidar de modo positivo com isso. As conseqüências incluem a rejeição ao que é visto e o medo diante do excesso de notícias relacionadas à violência.

A conversa, a orientação e o acompanhamento do que chega pelos meios de comunicação são etapas essenciais para o relacionamento das crianças com o mundo que as cerca, e pais e professores devem estar atentos a tudo. Aproximar o que for possível da realidade de filhos e alunos e buscar no universo de interesse deles novos ganchos para o aprendizado e o crescimento são outras tarefas importantes. Na seção *Caleidoscópio*, discutimos um belo exemplo disso. Um aluno com dificuldades de aprendizagem nos processos de leitura e escrita surpreendeu a professora ao demonstrar familiaridade com o *site* de relacionamentos Orkut, onde escrevia e lia sem maiores problemas. Como lidar com esta aparente contradição e o que fazer para reverter as dificuldades em sala de aula é o que discutem os profissionais convidados.

Outros destaques desta edição são a Cinemateca Rio, inaugurada pela Prefeitura nas Casas Casadas, em Laranjeiras, com acesso gratuito a um rico acervo da filmografia nacional; uma entrevista com André Luiz Zambelli, secretário extraordinário de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico-cultural da Cidade do Rio de Janeiro, que fala sobre as ações de preservação do patrimônio em nossa cidade; e os contextos histórico, político e social na obra de Machado de Assis, tema da seção *Machadiano*.

Boa leitura a todos e até o mês que vem!

Alunos surdos

Gostaria de sugerir aos editores de NÓS DA ESCOLA que inserissem na coleção *Giramundo* atividades referentes a alunos surdos, assim como alguma bibliografia sobre o tema surdez em sala de aula. Creio que isso contribuirá muito para o enriquecimento das aulas, tanto de professores que trabalham em sala de recursos e classe especial como dos que recebem alunos surdos como integrados em turma regular. Amplio a minha solicitação/sugestão para outras modalidades da educação especial.

Em tempo: quero agradecer a oportunidade e parabenizar pelas diversas e excelentes atividades sugeridas, as quais venho acompanhando desde 2001. Parabéns! **Verônica**

Revista na escola

Olá, amigos da MULTIRIO! A revista 56 está interessante e corroborou o trabalho pedagógico desenvolvido nesta unidade escolar. Os temas dos artigos publicados são pertinentes à prática pedagógica do professor. O cartaz com o calendário é de grande utilidade e foi produzido com esmero. O

encarte da coleção *Giramundo* está muito significativo, com o seu texto compreensível e objetivo. Não pude resistir e utilizei esse material como pauta do centro de estudos. Isto é trabalhar na coletividade. Desde já agradeço a atenção.

Marleyde Ferreira Fernando

E. M. D. Pedro I, Barra da Tijuca, 7ª CRE

Correção

Na matéria "Hora de voltar à sala de aula", da edição 57, os nomes corretos das filhas da produtora gráfica Lúcia Barreiros são Lyscia e Thaís.

Terror e arte em 'Guernica'

Em 26 de abril de 1937, a praça da cidade de Biscaia (Espanha) estava repleta de camponeses vindos do Vale de Guernica, quando os sinos da igreja começaram a anunciar mais um ataque aéreo nazista.

Findo o ataque, contaram-se 1.654 mortos e 889 feridos, de uma população não superior a 7 mil habitantes. Para representar o horror vivido pela população da cidade, o artista espanhol Pablo Picasso (1881-1973) pintou um painel de 3,50m de altura por 7,82m de largura. Com o nome de *Guernica*, esse grande painel foi exposto pela primeira vez na Exposição Internacional sobre a Vida Moderna, em Paris, no dia 4 de junho daquele ano e a sua foto ilustra a nossa quarta-capa.

Tons cinzentos – Picasso só usou o preto e o branco na composição do painel, demonstrando o seu repúdio à violência do episódio.

Retratou, no estilo cubista, pessoas, animais e prédios destruídos de forma sombria. A violência e a indignação causadas pelo bombardeio fizeram com que o artista se concentrasse por cinco meses naquela grande tela, quase um mural.

Exatamente por não ter nenhum signo específico de agressão, nenhuma suástica ou distintivo franquista ou falangista, a composição transcendeu os acontecimentos da Guerra Civil Espanhola (1936-39), tornando-se um manifesto estético contra os horrores provocados por uma tecnologia a serviço da desumanização.

Conta-se que, em 1940, com Paris ocupada pelos nazistas, um oficial alemão, diante de uma fotografia que reproduzia o painel, perguntou a Picasso se havia sido ele o autor daquelas cenas. O pintor, então, teria respondido: "Não, foram vocês!".

Pablo Picasso passou por muitas fases e estilos durante a vida. Depois de descobrir as artes primitivas,

desenvolveu uma verdadeira revolução no seu ofício. Em 1907, com a obra *Les demoiselles d'Avignon*, começou a elaborar a estética cubista. O cubismo originou-se da obra do pintor pós-impressionista francês Paul Cézanne (1839-1906), que achava que a pintura deveria tratar as formas da natureza como se fossem cones, esferas e cilindros.

Os pintores adeptos desse estilo foram mais longe e passaram a representar os objetos com todas as suas partes num mesmo plano.

No Brasil, somente após a Semana de Arte Moderna de 1922 o movimento cubista ganhou expressão. Muitos pintores brasileiros foram influenciados pelo movimento e apresentaram características do cubismo em suas obras, como Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Di Cavalcanti. Mesmo assim, não com características exclusivamente cubistas. (CRISTINA CAMPOS)

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para multirio_dpub@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso site: www.multirio.rj.gov.br



Tijolo com tijolo na memória

Exaltadas em verso e prosa, as belezas naturais do Rio de Janeiro fazem da cidade uma das mais famosas no mundo inteiro. Mas além da mistura incomparável entre mar e montanha há muitas outras riquezas à disposição de cariocas e visitantes. Um belo exemplo é o vasto patrimônio histórico e cultural da cidade, que abrange cerca de 12 mil imóveis tombados e guarda a memória de muitos momentos de nossa história. A Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico-cultural da Cidade do Rio de Janeiro (Sedrepahc) desenvolve, ao lado de programas de restauração, ações educativas que buscam aproximar os cidadãos desses preciosos vestígios de outros tempos. NÓS DA ESCOLA conversou com o secretário, André Zambelli, e com a coordenadora de projetos especiais Cristina Lodi, que falaram dos projetos em andamento e da importância da conscientização da população para preservar o patrimônio. “Tudo o que fazemos é com o objetivo de que as pessoas se tornem cidadãos mais conscientes da necessidade de preservar a sua identidade cultural e memória. Esta é a nossa intenção. Para isso, fazemos restaurações, legislação, cursos, capacitação, visitação a obras... enfim, uma série de atividades complementares, todas direcionadas a este mesmo alvo”, explica André.

As comemorações pelos 200 anos da chegada da Família Real portuguesa ao Brasil motivaram uma série de restaurações, entre as quais a da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé. Que avaliação você faz deste trabalho?

André – Foi uma conjugação de esforços muito oportuna, com resultados muito positivos. A secretaria foi criada em 2006. Antes era um departamento vinculado à Secretaria das Culturas. Logo depois desta mudança, conversamos e definimos que trabalharíamos até 2008 em função da agenda dos 200 anos. O objetivo era chamar a atenção do carioca para uma série de monumentos espalhados pelo município inteiro e que fizeram parte da vida da Família Real aqui no Brasil. Os monumentos foram escolhidos em vários pontos da cidade para os programas de restauração. Já entregamos as Talhas do Outeiro da Glória, o monumento do centenário da abertura dos portos, também na Glória, a Antiga Sé, no Centro, e o Palacete Princesa Isabel, em Santa Cruz, e estamos com obras em andamento no Convento de Santa Teresa.

Foram desenvolvidas também ações educativas em paralelo às obras de restauração...

André – Essa é uma das linhas de nosso trabalho. Há uma frase que vivo repetindo: você só protege o que conhece. Na medida em que conseguimos mostrar a importância histórica e artística dos monumentos e a dificuldade que temos para garantir a sua preservação, as pessoas se tornam mais conscientes da necessidade de preservar a sua identidade cultural e memória. Conheço muitos cariocas que desconhecem muito de sua cidade. Quando foi inaugurado o Engenho, por exemplo, havia uma quantidade enorme de cariocas que nunca tinham andado de trem. Fazer com que as pessoas circulem, conheçam e usem o patrimônio é a grande missão que a gente tem. É preciso envolver todo mundo nesse projeto de conservação do nosso patrimônio cultural.

Cristina – Realizamos ações educativas em diversas obras. Trabalhamos em parceria com o Crep [Centro de Referência da Educação Pública], partindo da necessidade de atuar em duas linhas: levar o patrimônio para a educação, oferecendo informações que possam ser

repassadas aos alunos, e trazer a educação para o patrimônio, por meio de programas de visitas. A Sé é um ótimo exemplo, porque tivemos mais recursos, mais pessoas envolvidas, atingimos mais alunos e um número maior de comunidades. Realizamos um curso de capacitação para os professores, que passaram cinco dias conosco assistindo a palestras, conversando, debatendo; fizemos um caderno de educação, coletando textos e histórias relativas à igreja; e finalmente abrimos o canteiro de obras para visitas. De junho a dezembro os alunos foram com seus professores visitar as obras e a exposição que montamos de apoio a eles. Algumas escolas de Santa Cruz, por exemplo, levaram quase 1 mil alunos à Sé. Com isso, o programa dos 200 anos chegou aos professores e aos alunos, sendo que muitos deles voltaram depois, com os pais. Assim, atingimos vários objetivos: fazer com que as pessoas conhecessem a igreja, o programa dos 200 anos e um pouco da dificuldade que é ▶

TEXTO

RENATA PETROCELLI

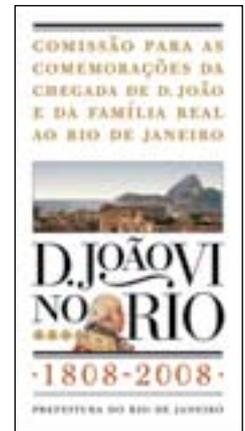
FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

E ARQUIVO SEDREPAHC/

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO/

LUCIANO BOGADO



Arqueólogos estavam entre os 200 profissionais que trabalharam no restauro da Igreja da Sé. Na página ao lado, detalhe da capela-mor da igreja





conservar o patrimônio público. Agora estamos na última fase, que é reabrir a igreja depois da restauração, com um espetáculo de som e luz que conte esta história de forma mais ilustrativa. É um ciclo quase completo, porque a educação é um processo que não termina nunca. Sempre há algo mais a dizer.

Quais são as etapas de um projeto de restauração de patrimônio?

Cristina – A primeira etapa é conhecer profundamente o objeto da restauração, seja um prédio, um chafariz ou o que for. Faz-se um estudo *in loco* e pesquisa histórica em arquivos, em busca de informações como: quem construiu, a história em torno do monumento, os materiais que o compõem e os elementos que estão degradados. É um diagnóstico, como se fosse o trabalho de um médico. A partir disso é feito um mapeamento e, então, um projeto de restauração. O projeto é uma espécie de dossiê que conta toda a história do edifício e os procedimentos que serão utilizados no restauro. A restauração propriamente dita é realizada em etapas. A primeira delas abrange os testes de materiais. Outra etapa muito importante é o registro. Todo

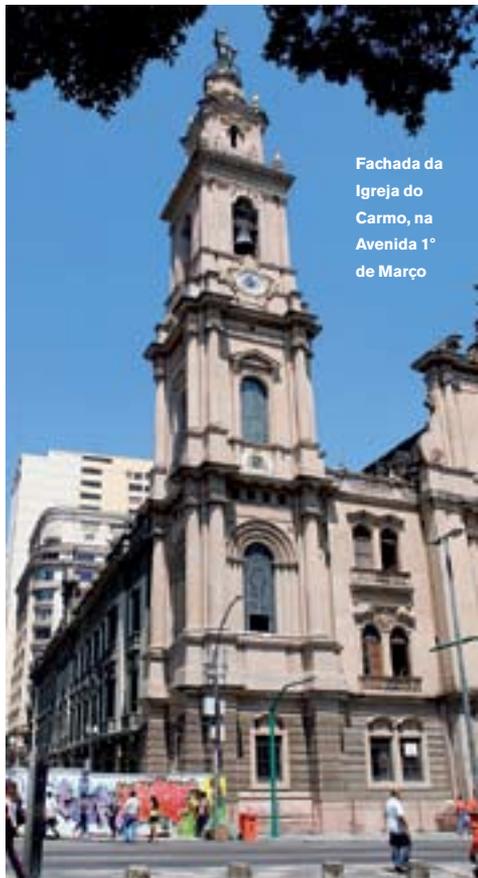
trabalho de restauração, por menor que seja, é uma intervenção, e precisa estar registrado, porque futuramente alguém vai mexer ali de novo. O registro facilita os trabalhos futuros, para que se possa atuar dentro de uma mesma linha, com ações compatíveis.

E como é, em geral, a composição de uma equipe de restauro?

Cristina – É muito importante trabalhar com uma equipe multidisciplinar. Na Sé, por exemplo, tivemos uma série de profissionais envolvidos, desde educadores até o engenheiro mais especializado em sonorização ou defesa contra incêndio, passando por arqueólogos e antropólogos. Historiadores também são profissionais essenciais nesse trabalho. Em alguns momentos, chegamos a ter 200 pessoas trabalhando na Sé. Isso sem contar nossas equipes de coordenação. Apenas na elétrica, na hidráulica, na arqueologia, no restauro artístico da madeira, da pintura... É um trabalho cada vez mais especializado. O profissional que faz o restauro de pintura em tecido não é o mesmo que faz o restauro de pinturas em madeira, ou em paredes, por exemplo.

Há muitos profissionais especializados nessa área?

Cristina – É uma área que tem crescido lentamente, mas sempre. A partir do momento em que se divulga o patrimônio e se investe mais nisso, automaticamente cresce a demanda de trabalhadores para restaurações. Temos realizado cursos de capacitação, em parceria com o Ministério da Cultura, e cada vez mais profissionais, como arquitetos e artistas plásticos, querem se especializar nessa área. E querem botar a mão na massa mesmo, não apenas planejar. Na Sé tivemos grande quantidade de profissionais graduados envolvidos na restauração. Mas é uma área que ainda precisa crescer, as pessoas devem ter mais informações para que trabalhem cada vez melhor. Basta pensarmos que uma coisa é ter um excelente pedreiro; e outra, ter um excelente pedreiro que, além disso, tenha a noção de que está trabalhando num patrimônio cultural, com uma parede que não é uma parede comum.



Fachada da Igreja do Carmo, na Avenida 1º de Março

Como funcionam esses cursos de capacitação?

André – Essa é outra das linhas de ação que temos desenvolvido. Sempre procuramos aliar as obras a esses cursos, em parceria com o programa Monumento, do Ministério da Cultura. Nossa intenção ao formar aprendizes e técnicos para a restauração é dupla: de um lado, qualificar a mão-de-obra para esse setor; de outro, oferecer novas possibilidades de trabalho. Há uma demanda muito grande. Hoje, no Rio de Janeiro, existem cerca de 12 mil imóveis preservados, seja porque são tombados ou porque estão dentro de áreas de preservação do ambiente cultural. Abrir esse mercado para pedreiros, marceneiros e outros profissionais é ampliar em muito suas possibilidades de trabalho. Já capacitamos mais de 200 pessoas desde 2002.

E como é feita a seleção dos profissionais contemplados pelo curso?

Cristina – Sempre existe um edital aberto, que convoca as inscrições. Procuramos priorizar profissionais que já tenham algum conhecimento nas áreas exigidas, tais como construção civil, artes ou arquitetura. Se vamos capacitar um economista, por exemplo, ele necessita de um cabedal enorme de informações que os cursos não têm condições de oferecer. Não exigimos escolaridade. Temos tanto engenheiros ou arquitetos formados como trabalhadores das firmas de construção civil, que geralmente têm apenas o ensino fundamental. A única exigência é que sejam alfabetizados.

Quais os maiores desafios de um projeto de restauração?

André – O primeiro desafio são as surpresas que acontecem no decorrer de uma restauração. Muitas vezes é muito mais fácil começar uma obra do zero, porque o planejamento é muito mais exato. Uma obra de restauração também é planejada, mas, no momento em que você faz uma escavação e descobre que ali embaixo existe uma estrutura do século XVI, o projeto é completamente transformado. Essas descobertas podem atrasar os cronogramas, mudar o perfil da obra, exigir novos profissionais... Outra dificuldade é que muitos de nossos patrimônios não têm registro, o que nos obriga a fazer um extenso trabalho de reconstituição histórica. ►

Detalhe da torre e lateral da igreja já restaurada



Quais seriam os melhores exemplos dessas surpresas nas obras de restauração realizadas recentemente pela secretaria?

André – A Sé é o melhor exemplo. Descobrimos ali estruturas dos séculos XVI, XVII e XVIII, uma paliçada antiqüíssima e as evidências de uma capela localizada atrás do altar-mor. Essa descoberta funciona como constatação de que aquele espaço é religioso desde o final do século XVI. É muito emocionante confirmar, por meio da arqueologia, suspeitas provenientes de relatos que se sucedem há séculos. Nosso arqueólogo-chefe, que é do Instituto de Arqueologia Brasileira e faz escavações no Brasil inteiro, disse que estava emocionado por fazer parte daquela equipe. O fato é que, a partir dessas descobertas, surgem inúmeras questões. É preciso decidir como expor as estruturas sem atrapalhar o funcionamento do sítio religioso. Não nos interessa ter um espaço simplesmente cênico do templo. É preciso organizar os espaços para que a igreja continue funcionando como igreja, com seus rituais, casamentos, batizados, missas, e ao mesmo tempo se ofereça ao visitante essa história que estava enterrada e foi descoberta, e que vale a pena deixar à vista. Tudo isso é um trabalho de coordenação entre diversas equipes, para que no final o resultado seja positivo para todo mundo.

E como isso foi resolvido na Sé?

André – Três novos sítios arqueológicos ficaram abertos, e um quarto ficou acessível apenas para pesquisadores. Não foi possível abrir totalmente à visitação para não atrapalhar o funcionamento do altar-mor, porque é preciso ver o acesso, a iluminação. Mas assegurar a pesquisa é importante, porque, havendo possibilidade de dar continuidade ao trabalho de prospecção, esse caminho já está aberto. E, além disso, serve como exemplo para outros bens onde se queira fazer o mesmo tipo de trabalho. É uma política que estamos inaugurando e que é bastante positiva para todos.

Finalizada a agenda dos 200 anos, quais são os próximos projetos de restauração em que a secretaria pretende investir?

André – Estamos retomando o convênio com a Mitra, [Mitra Arquiepiscopal do Rio de Janeiro] para realizar intervenções em outras igrejas. Nossa intenção é fazer com que exista por parte do público a percepção da Prefeitura em diversos pontos da cidade, e não apenas no Centro, nas igrejas mais importantes. Vamos recuperar a Ponte dos Jesuítas, em Santa Cruz, que é uma obra já em sua segunda etapa. Ela atravessa um rio que foi desviado, hoje ela está situada na lateral da margem de um rio, e nosso objetivo é criar um parque em torno da ponte, para que as pessoas possam visitar, conhecer, ler um pouco sobre a história daquele monumento. Queremos criar um espaço contemplativo. O Convento de Santa Teresa é outra obra em andamento. E também várias fontes e chafarizes históricos da cidade, sobre os quais fizemos um amplo levantamento, para detectar quais necessitam de restauração, quais precisam ser apenas preservados, que é um trabalho que a Fundação Parques e Jardins e a Comlurb fazem muito bem. E estamos começando agora a trabalhar com uma outra linha, que é a de preparação de material informativo. Ainda este ano lançaremos dois livros: um sobre restauro de elementos ornamentais em estuque, elemento muito usado em nossa arquitetura do século XIX; e outro sobre pinturas murais. Aos poucos vamos atingindo diversas áreas da educação e do patrimônio cultural. A idéia é seguir crescendo com isso, fazendo a aliança das obras com a divulgação e a conscientização. ■

No cinema, sem escurinho

Cinemateca da Prefeitura do Rio oferece ao público acesso gratuito a uma rica coleção de filmes brasileiros



A Cinemateca Rio funciona nas Casas Casadas, em Laranjeiras. O casarão, tombado pelo patrimônio histórico em 1979, abriga desde 2004 a Riofilme

Imagine um ambiente tranquilo e refrigerado, uma cadeira confortável e um acervo de filmes inteirinho à sua disposição, ao alcance de um clique no *mouse*. A cena, atraente para todo cinéfilo, agora pode ganhar cores, tendo qualquer cidadão como protagonista. Para entrar neste roteiro, basta uma visita à Cinemateca Rio, inaugurada pela Prefeitura em fevereiro deste ano, nas Casas Casadas, em Laranjeiras, Zona Sul da cidade. O casarão, patrimônio tombado desde 1979, é uma das construções do século XIX mais representativas da cidade e abriga desde 2004 a Riofilme, empresa municipal responsável pela produção e distribuição de filmes brasileiros. A Cinemateca é a primeira etapa de um projeto que pretende transformar o local no Centro de Referência do Audiovisual da Cidade do Rio de Janeiro.

O espaço conta com três salas, de cerca de 100 metros quadrados cada uma. A primeira, já em funcionamento, tem 14 computadores

com monitores de 19 polegadas, pelos quais é possível ter acesso a cerca de 150 horas de filmes nacionais. Até agora já foram digitalizadas 90 películas que tiveram o apoio da Riofilme. Títulos de épocas, temas e gêneros tão diversos como *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha, *Como ser solteiro*, de Rosane Svartman, *Estorvo*, de Ruy Guerra, *Filme de amor*, de Júlio Bressane, e *Casa grande & senzala*, de Nelson Pereira dos Santos. Diretor comercial da Riofilme e responsável pela administração da Cinemateca, Antônio Urano explica que a intenção foi inaugurar o acervo com uma quantidade significativa de títulos, representativos de diversas fases do cinema brasileiro. “Temos filmes de várias épocas, representando toda a história da Riofilme, que existe há 15 anos. E muitos documentários, que normalmente não chegam às telas dos cinemas. Cerca de 35% de nosso acervo atual são compostos por documentários”, comenta. ▶

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



Antônio Urano é diretor comercial da Riofilme, responsável pela administração da Cinemateca

ONDE FICA

• Cinemateca Rio – Rua Leite Leal, 11, Laranjeiras

Funciona de quarta-feira a domingo, do meio-dia às 20 h.

De acordo com os planos de expansão da Cinemateca, até agosto estarão digitalizados todos os 235 filmes já distribuídos pela Riofilme. No mesmo mês, deverão ser inauguradas duas novas salas do espaço. Uma delas será um auditório com capacidade para 60 pessoas, destinado a seminários, palestras e cursos relacionados a temáticas audiovisuais. Na outra, haverá dois ambientes para a exibição de filmes para grupos: um deles para até cinco pessoas, com monitores de 32 polegadas, e o segundo para até 12 pessoas, com telas maiores.

Centro de Referência – A ambição da Prefeitura, no entanto, é que a Cinemateca não pare de crescer. Até porque, na medida em que os títulos forem digitalizados, a produção também continuará a pleno vapor. “Nossa pretensão é transformar a Cinemateca em referência do cinema brasileiro. Qualquer pessoa que queira estudar, pesquisar ou que simplesmente tenha uma curiosidade sobre o cinema que se produz no país saberá que pode encontrar aqui as informações”, esclarece Urano.

Para atender a esta expectativa, algumas medidas já estão em andamento. Uma delas é

uma parceria com o Iplan-Rio, para desenvolver um programa que permita a busca dos filmes por categorias diferentes. “Por enquanto o acervo ainda é pequeno, mas, quando tivermos 1 mil, 2 mil filmes, será necessário desenvolver um mecanismo de busca por ano de produção, tema, gênero, direção ou quaisquer outras categorias que facilitem a vida de quem quiser estudar o cinema brasileiro”, explica o diretor comercial da Riofilme.

Hoje, quem chega à Cinemateca encontra um catálogo com nome, ficha técnica e informações básicas sobre os 90 filmes já disponíveis, como sinopse, obras do mesmo diretor e principais temáticas abordadas. Para assistir a um deles, basta preencher uma ficha de identificação, retirar um *headphone* e se instalar em um dos 14 terminais. Na tela, estão disponíveis todas as informações necessárias à escolha do filme. Mesmo quem nunca esteve diante de um computador, garante Urano, consegue acessar os filmes com facilidade. Também é possível assistir a trechos específicos das obras, o que é muito útil para quem faz pesquisas ou estuda cinema.

Os estudantes, aliás, são um dos públicos-alvo prioritários da Cinemateca, justamente pelo grande interesse pelo tema e pela carência de um espaço que sirva de referência na área. Mas Urano lembra que aproximar o grande público do cinema nacional é também um dos maiores objetivos do projeto. “Qualquer iniciativa para facilitar o acesso ao filme brasileiro é muito bem-vinda. No momento em que você habitua as pessoas aos filmes nacionais, isso se reflete no mercado, o público passa a reagir de forma mais favorável, a buscar as produções brasileiras no cinema. É uma pequena contribuição que a Prefeitura pode dar neste sentido”, argumenta.

Para completar o cenário, as Casas Casadas contarão ainda com duas salas de cinema, com 75 lugares cada uma. O espaço, cedido pela Prefeitura, será administrado pela iniciativa privada. A licitação já foi realizada e a previsão é de que os cinemas sejam abertos ao público em agosto. “Está previsto em contrato que em determinados dias do mês as salas oferecerão atividades educativas para promover a aproximação da escola com o cinema nacional”, conclui Urano. ■

O internauta se manifesta

Portal abre espaço para comentários sobre conteúdos que põe no ar e aperfeiçoa a sua navegação

O internauta agora pode expressar opiniões sobre os conteúdos publicados no Portal MULTIRIO. Basta clicar no *link* “Comente esta matéria”, ao final de cada texto, para abrir uma caixinha própria, na qual é possível digitar críticas, elogios, observações ou sugestões relacionados àquele conteúdo. A opinião é enviada à equipe do portal para publicação. É possível também visualizar a lista de todos os comentários publicados, clicando-se em “Veja os comentários”, e, se for o caso, construir um debate em torno do tema abordado.

Com o novo recurso, o Portal MULTIRIO deverá ficar ainda mais sintonizado com os interesses dos usuários. A partir do retorno recebido pelos comentários, é possível reorientar ações, desenvolver novas temáticas e fazer ajustes na navegação, entre outras providências. Por meio de diversas ações, a equipe do Portal MULTIRIO busca estar mais próxima de seu público-alvo – a comunidade escolar da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, em especial, e num primeiro momento, seus professores. Ao longo de todos os anos letivos, são realizados oficinas e encontros com professores, diretores, coordenadores pedagógicos, por intermédio da Assessoria de Integração da MULTIRIO, em que são apresentadas as novidades do portal e ouvidos os professores no que diz respeito ao seu envolvimento com o mundo web.

O espaço para comentários não é a única novidade para os navegadores do portal. Pequenas – mas importantes – mudanças no visual da *home page* vêm contribuindo para facilitar a navegação e destacar os conteúdos. As áreas *Nós da Escola*, que reúne conteúdos interativos voltados a apoiar o trabalho dos professores, e *Notícias*, que apresenta as novidades relativas à MULTIRIO, ganharam um *link* localizado abaixo das chamadas da *home page*, que dá acesso a outros destaques, de modo a manter em evidência por mais tempo os últimos conteúdos produzidos.



Vale lembrar, no entanto, que todos os conteúdos do Portal MULTIRIO, mesmo os publicados há alguns anos, têm acesso garantido, a qualquer momento, pelo mecanismo de busca. São muitos os conteúdos produzidos, pensados especialmente para o público-alvo da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. Assim, sempre que for preciso pesquisar determinado assunto, vale a pena incluir entre os *sites* a serem acionados o Portal MULTIRIO. A fim de facilitar o acesso, o campo de busca agora fica na parte superior direita, sempre visível pelo navegador. Toda semana, pelo menos um novo conteúdo de interesse dos professores é publicado e, sempre que possível, organizado de forma lúdica e interativa. ■

TEXTO
ELIANE BARDANACHVILI,
EDITORA DO PORTAL MULTIRIO

IMAGEM
REPRODUÇÃO DO PORTAL

Educação contra a dengue

MULTIRIO integra iniciativas da Prefeitura do Rio para divulgar informações de prevenção contra a doença

A MULTIRIO também está engajada no combate à dengue. Os riscos da doença, as formas de prevenir a proliferação do mosquito transmissor, o *Aedes aegypti*, e outras informações importantes para a população se tornaram presença constante nas produções da empresa. Na internet, o Portal MULTIRIO (www.multirio.rj.gov.br) pôs no ar matéria especial que traz recomendações para prevenir a doença e inclui entrevistas com os especialistas Meri Baran, superintendente de Vigilância de Saúde da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), e Mauro Blanco, coordenador de Controle de Vetores da SMS. Já NÓS DA ESCOLA publica nesta edição um cartaz que alerta os responsáveis sobre os sintomas da dengue e os cuidados que devem ser tomados com as crianças em caso de suspeita da doença.

Além disso, estão sendo veiculadas diariamente até 15 vinhetas de campanhas na TV com dicas essenciais para o combate à doença no dia-a-dia, como colocar garrafas vazias de cabeça para baixo, lavar vasilhas dos animais de estimação e limpar calhas. A MULTIRIO também lançou três campanhas de conscientização, com o objetivo de alertar a população sobre focos de mosquitos que às vezes passam despercebidos, como carros abandonados e entulho de obras, além de orientar na busca de serviços da Prefeitura do Rio.

O programa *Nós da Escola* vai preparar edição especial com especialistas que falarão sobre a dengue e suas conseqüências, além de abordar as principais dúvidas sobre a doença. O episódio será reprisado durante o ano todo. O *Rio, a cidade!* exibiu três programas sobre o assunto, onde foram entrevistados especialistas, como o coordenador municipal de Defesa Civil, coronel João Carlos Mariano, e a superintendente Meri Baran, da SMS, entre outros. A programação da MULTIRIO vai ao ar na BandRio, das 14h às 15h (de segunda a sexta-feira) e das 9h às 10h (sábados e

domingos), e no canal 14 da Net, das 7h30 às 13h30 (de segunda a sexta-feira) e das 7h30 às 11h30 (sábados e domingos).

Grupo de trabalho – Além da MULTIRIO, outros órgãos e empresas da Prefeitura também estão engajados na luta contra a doença. Foi criado um grupo de trabalho coordenado pela Defesa Civil e que também conta com a participação da SMS, da Secretaria Municipal de Educação (SME), do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP), da Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos e da Guarda Municipal, entre outros.

Para Élide Vaz, assessora de comunicação, ouvidora e representante da MULTIRIO no grupo de trabalho, a empresa está trabalhando para intensificar o acesso da população a informações essenciais, para se prevenir contra a doença e saber como agir no caso de contraí-la. “Tudo que estamos fazendo é preparar a população para o enfrentamento da doença, que é séria. Para combatê-la, é necessário a ajuda de todos. A população tem papel fundamental, pois a ação tem que ser permanente. A prevenção não pode ser feita somente no verão, mas, sim, no ano inteiro. Cada um tem que fazer a sua parte”, analisa.

A opinião de Élide é compartilhada pelo assessor da presidência da MULTIRIO, Luiz Eduardo Ricón de Freitas, que também faz parte do grupo de trabalho. Ricón afirma que a empresa pediu para ser incluída na tarefa por acreditar que a educação é um componente decisivo no combate à dengue. “Nosso papel é estratégico porque boa parte das ações tem um viés educacional muito forte, inclusive para informar como se proteger e cada um fiscalizar o que acontece na sua vizinhança. Desde 2001 estamos produzindo peças educacionais sobre a dengue. Já levamos todas elas ao ar e estamos tomando novas iniciativas nesse sentido”, conclui. ■

TEXTO

FÁBIO ARANHA

'Olho mágico' reproduz os sumários de NÓS DA ESCOLA do nº 49 ao nº 54

Revista nº 49

Ano 4/2007

- **Ponto e contraponto** – Mais saúde e muita autonomia. Mauro Bernardo e Sandra Peres
- **Pan 2007** – As estrelas dos bastidores. Voluntários do Pan 2007.
- **Contos americanos** – “O torcedor”, de Eduardo Galeano
- **Século XXI** – A hora e a vez da superação. Jogos Parapan 2007.
- **Carioca** – A maior obra dos últimos 50 anos. Estádio Municipal João Havelange – Engenho.

- **Rede fala** – Jogos que melhoram a autoestima. (Ciep Presidente Salvador Allende)

- **Professor on-line** – Diversão sem complicação. Esquema de transporte para o Pan 2007

• Olho mágico

– MULTIRIO antenada no Pan. Programação durante o Pan 2007

- **Caleidoscópio** – Integração que vale a pena.
- **Capa** – Um Pan de oportunidades
- **Zoom** – Por que o Pan é importante para a cidade?
- **Atualidade** – Um novo tempo no esporte. Tecnologia e esporte.
- **Presente do futuro** – Uma prática 'pra' lá de perigosa. Consumo de anabolizantes.
- **Pé na estrada #1** – Tarefa cheia de encantos mil. (E. M. Almirante Saldanha da Gama)
- **Pé na estrada #2** – Escrever para compartilhar. (E. M. Eugênia Dutra Hamman)
- **Foi assim** – O primeiro Pan brasileiro. Pan 1963.
- **Perfil** – Guarda, esportista e tricolor. Guarda municipal.
- **Cartaz** – Locais do Jogos Pan-americanos
- **Giramundo** – Tempo e esporte

Revista nº 50

Ano 5/2007

- **Ponto e contraponto** – A história lida em conjunto. Francisco Carlos Teixeira.
- **Pan 2007** – Os filhos do império do sol. Império inca.

- **Carioca** – Cultura nacional em guarda. Fortes e fortalezas do Rio.

- **Século XXI** – Os revolucionários do samba. Reinvenção do carnaval.

- **Parceria** – Informação, cultura e lazer. Casa Leonardo Guerra.

- **Olho mágico** – Professores avaliam encarte. Tabulação da pesquisa 'Giramundo'.

- **Rede fala** – Narrar como caminho para ser e conhecer. (E. M. Hildegardo de Noronha)

- **Professor on-line** – Encontro com os leitores. Encontro com professores.

- **Caleidoscópio** – Ressignificação de saberes.

- **Capa** – A arte de investigar o passado. Narrativa histórica.

- **Artigo** – Imagem e narrativa. Oswaldo Munteal e Ana Carolina Cristaldi.

- **Atualidade** – Nem tudo é como parece ser. Desmatamentos e queimadas.

- **Presente do futuro** – Diferenças sem desavenças. Tribos e adolescentes.

- **Pé na estrada #1** – Um golpe a favor da paz. (Ciep Wagner Gaspar Emery)

- **Pé na estrada #2** – Um passeio pelo continente. (E. M. Marechal Hermes)

- **Foi assim** – A cidade de duas estações. Central do Brasil e Leopoldina.

- **Perfil** – Sinal verde para a simpatia. Guarda de trânsito.

- **Cartaz** – Reedição do cartaz nº 1.

- **Giramundo** – Psicomotricidade II – Vivência do corpo na escola: uma abordagem psicomotora



Revista nº 51

Ano 5/2007

- **Ponto e contraponto** – A redescoberta do Brasil. Alberto da Costa e Silva.
- **Pan 2007** – Um povo além do seu tempo. Os astecas
- **Carioca** – Nossa mais completa tradução. Aterro do Flamengo.
- **Século XXI** – Conversa com muito conteúdo. 'Chats' Século XXI.
- **Parceria** – Um novo 'point' de eventos. Rio Cidade Nova Convention Center.
- **Rede fala** – A leitura e a formação da criança. (E. M. Cañizares)
- **Olho mágico** – Sumário de NÓS DA ESCOLA, do nº1 ao 14
- **Professor on-line** – Palavras em alto e bom som. Programa de Saúde Vocal da Prefeitura do Rio.



- **Caleidoscópio** – Uma gestão de sucesso.
- **Capa** – Cenas dos próximos capítulos. Narrativa de folhetim.
- **Artigo** – Narrativa de folhetim. Marillia Raeder Auar Oliveira.
- **Atualidade** – Aposta na energia nuclear.
- **Presente do futuro** – Boa briga para as escolas. Violên-

cia escolar.

- **Pé na estrada #1** – Muito sabor e alegria à mesa. (Creche Municipal Zilka Salaberry)
- **Pé na estrada #2** – Pela consciência ambiental. (E. M. Madre Benedita)
- **Foi assim** – A maravilha do Rio de Janeiro. Estátua do Cristo Redentor
- **Perfil** – As redes do tecelão do mar. Pescador.
- **Cartaz** – Tipos de energia nuclear
- **Giramundo** – Lixo e Agenda 21

Revista nº 52

Ano 5/2007

- **Ponto e contraponto** – Vida levada (nada) a sério. Bruno Mazzeo.
- **Pan 2007** – Os senhores do tempo. Os maias.
- **Carioca** – Acordes ao ritmo da corte. Produção musical no período joanino.
- **Século XXI** – Inclusão digital pela internet.
- **Parceria** – Ofício que traz dignidade. Escola de Hotelaria e Casa Bráulio Pedroso.
- **Olho mágico** – Sumário de NÓS DA ESCOLA, do nº 15 ao 24.
- **Rede fala** – Propondo jogos não competitivos. (E. M. Professor Augusto Cony)
- **Professor on-line** – Mídia das Américas em pauta. Terceiro Encontro Riomídia.
- **Caleidoscópio** – Ações em nome da diversidade.
- **Capa** – Nossos comerciais, por favor. Narrativa publicitária.
- **Artigo** – Criança e a publicidade: uma reflexão necessária. João Osvaldo Schiavon Matta.
- **Atualidade** – A vida através do monitor. Second Life.
- **Presente do futuro** – Assunto sem mistério. Sexualidade infantil.
- **Pé na estrada #1** – Mitologia grega no Andaraí. (E. M. Affonso Penna)
- **Pé na estrada #2** – Pacto pelo meio ambiente. (Divisão de Educação, 9ª CRE)
- **Foi assim** – Trilhos que fizeram época. Bondes.
- **Perfil** – O ninja das águas da praia. Guarda vidas.
- **Cartaz** – As sete novas maravilhas e uma eterna
- **Giramundo** – Água





Revista nº 53

Ano 5/2007

- **Ponto e contraponto** – Em sintonia com o ambiente. Peter May.
- **Pan 2007** – Paraíso ao sul do equador.

Sete Povos das Missões.

- **Carioca** – Cidade de muitas paisagens. Aventuras cariocas.
- **MULTIRIO na web** – A capacidade infinita da rede. Portal MULTIRIO.
- **Parceria** – Saber para melhor preservar. Projeto da Secretaria de Patrimônio.
- **Olho mágico** – Sumário de NÓS DA ESCOLA, do nº 25 ao 30.
- **Rede fala** – Uma prática de sucesso. (Divisão de Educação da 9ª CRE)
- **Professor on-line** – O diálogo como prioridade. Comissão de professores da SME.
- **Caleidoscópio** – Ações em nome da diversidade II
- **Capa** – Quando a notícia é a pauta. Narrativa jornalística.
- **Artigo #1** – Conexões imediatas: informações e sociabilidade via telefones celulares. Maria Aparecida Moura e Camila Maciel Mantovani.
- **Artigo #2** – As crianças e as notícias da TV. Maria Inês Delorme.
- **Atualidade** – A vez das crianças na mídia. Dia Internacional da Criança na Mídia.
- **Presente do futuro** – Sem diferenças na escola. Gênero.
- **Pé na estrada #1** – Tudo que seu mestre mandar. (E. M. Cesar Augusto Soares)
- **Pé na estrada #2** – Mais comunicação na escola. (E. M. Mato Grosso)
- **Foi assim** – Cercadas de água e história. Baía de Guanabara.
- **Perfil** – Um nobre mercado de sonhos. Sebista.
- **Cartaz** – Dia 15 de outubro – Atitudes corretas no dia-a-dia
- **Giramundo** – Agenda 21 – Solo

Revista nº 54

Ano 5/2007

- **Ponto e contraponto** – A TV como tema transversal. Laurindo Lalo Leal Filho.
- **Pan 2007** – Índio: famoso e desconhecido. Povos indígenas do Brasil.
- **Carioca** – Para recuperar a majestade. Bairro imperial de São Cristóvão.
- **MULTIRIO na web** – Informação com criatividade. Portal MULTIRIO.
- **Parceria** – Inclusão para a melhor idade. Projeto para idosos da Obra Social.
- **Olho mágico** – Sumário de NÓS DA ESCOLA, do nº 31 ao 36.
- **Rede fala** – As rodas na descoberta do prazer de ler e escrever. (Divisão de Educação da 1ª CRE)
- **Professor on-line** – 'Rio, a Cidade!' de 'cara' nova. Programa *Rio, a cidade!*
- **Caleidoscópio** – Cest – atividades de estudo.
- **Capa** – Janelas abertas para a escrita. Narrativas digitais.
- **Artigo** – Aprendizagem e cibercultura: novos saberes em novos tempos e espaços. Maira Pereira.
- **Atualidade** – Pirataria em tempo de rede. Direitos autorais no Brasil.
- **Presente do futuro** – Sinal de alerta para a evasão. Evasão escolar.
- **Pé na estrada #1** – Aulas criadas a muitas mãos. (E. M. Coelho Neto)
- **Pé na estrada #2** – Rito de preservação da vida. (E. M. Rostham Pedro de Farias)
- **Foi assim** – Fe nômeno do cinema nacional. Atlântida Cinematográfica.
- **Perfil** – Um, dois, feijão com arroz... Merendeira.
- **Cartaz** – *Matinta Perera*
- **Giramundo** – Agenda 21 - Ar ■





A tecnologia como parceira

A informação e os novos meios de produção do conhecimento não podem ficar de fora da sala de aula

Certo dia...

Entrei na sala da diretora para conversar e vi um menino do 1º ano do ciclo, de sete anos, que havia sido meu aluno na educação infantil. Não me surpreendi ao saber que ele estava ali por ter *aprontado todas*, já que tinha um comportamento agressivo, agitado e que comprometia o desenvolvimento do trabalho da professora com a turma. Resolvi conversar com ele sobre a situação. Ele desconversou e nos fez a seguinte pergunta:

– Tia Ana, tia Márcia, vocês têm Orkut? Me passa, aí, o *id!*

Questões, tensões, reflexões

Faz tempo que a mídia é um dos principais temas de debates e conversas com minhas colegas. Além de ser um dos eixos do nosso projeto político-pedagógico, esse caso específico me fez pensar em muitas questões. Como um aluno que caminha tão lentamente na construção da leitura e da escrita convencionais se apropria dessa mídia com tanta facilidade? Será o novo letramento? Por que ler e escrever dessa forma desperta tanto prazer e interesse? Como vamos agir para que a escola não se torne obsoleta? Como transformar tanta informação em conhecimento?

Todas essas questões foram discutidas na nossa última reunião. Muitas idéias e trocas de experiências surgiram e replanejamos nossas ações, focando mais o tema mídia e educação, na prática.

Para que as múltiplas informações recebidas por nossos alunos se transformem em conhecimento, é necessário que sejam avaliadas, processadas e entrem em conflito. Nós, professores, como mediadores e facilitadores, podemos cumprir esta tarefa em nossas salas de aula.

Os possíveis porquês

As tecnologias da informação e da produção do conhecimento não podem ficar de fora da sala

de aula. Mas, apesar de identificar e reconhecer o valor da mídia na vida das crianças e dos jovens, muitos ainda consideram que ensinar a ler, escrever e calcular está dissociado do contexto sociocultural, econômico e histórico dos profissionais e dos alunos. É preciso superar preconceitos e medos, e apropriar-se da tecnologia como uma aliada. A internet, por exemplo, não é só pirataria, pornografia ou um ambiente onde o anonimato permite que *crackers* ou pessoas mal-intencionadas cometam assédio digital, divulguem conteúdos inapropriados ou informações falsas. É fundamental desenvolver atividades que promovam o pensamento crítico e esclareçam sobre as conseqüências legais do mau uso da internet. Estes são apenas alguns dos assuntos aos quais a escola ainda não está dando a devida atenção.

A escola precisa, ainda, lidar com o novo conceito de tempo e espaço, além de integrar as diferentes tecnologias ao trabalho pedagógico.

Novos conceitos devem ser introduzidos nas conversas em sala de aula. Discutir cidadania, ética, propriedade intelectual, privacidade e segurança on-line torna-se necessário para formar cidadãos digitais criativos, éticos e responsáveis.

Sites de relacionamento, como o Orkut, ampliaram a capacidade de alguém se comunicar com um número cada vez maior de pessoas. Mas isso também possibilitou uma nova forma de agredir e incomodar o outro: o *cyberbullying*, uma forma de assédio digital que acontece quando uma pessoa persegue e humilha o outro no ambiente digital ou cria ambientes preconceituosos e até mesmo criminosos.

Ignorar essas situações na escola tira do aluno o direito de aprender, através do diálogo, a buscar soluções para problemas que possam afetá-lo dentro e fora do ambiente escolar. Este novo paradigma da comunicação em rede questiona a própria estrutura do conhecimento e o modo pelo qual a escola trabalha. ■

TEXTO

EQUIPES DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (SME) E DA MULTIRIO

ARTE

DAVID MACEDO

Modos de ver e agir

1. Da professora do caso

– Devo me adequar à realidade do aluno, oportunizando práticas significativas para a sua vida. Como a mídia faz parte da vida de nossos alunos (está na escola e fora dela), não há como ignorá-la. Se o aluno se interessa por *sites* de relacionamento, ótimo, vamos dialogar sobre isso. O que é amizade? Que valores devem permear as relações? Como conviver com as pessoas harmoniosamente? Essa discussão precisa estar presente quando se quer formar cidadãos críticos e sem preconceitos, evitando que a violência de nossos dias contamine as gerações futuras.

Nosso desafio é preparar os alunos para enfrentarem um mundo em constantes transformações. Isso implica fornecer ferramentas analíticas para que eles façam uma leitura crítica dos fatos e cheguem às suas próprias conclusões. É preciso despertar a curiosidade do aluno, fazendo pesquisas para a discussão de idéias e não apenas para acumular informações.

2. Diretora convidada: Márcia Gonçalves

– Esse caso traduz a realidade em que vivemos: a tecnologia está presente em todos os espaços. Trabalho numa escola em que 11% dos alunos possuem computador, mas a maioria tem acesso à internet em *lan houses*. Encaro essa constante evolução com naturalidade. Se antes um aluno me mandava cartas, bilhetes, hoje ele me deixa *scrap*s [recados]. *Me relaciono* com os alunos pessoal e virtualmente.

As linguagens para a construção do conhecimento e do próprio sujeito devem ser valorizadas na escola pelos profissionais da educação. Acredito que alunos, professores e todos da equipe escolar devem se comunicar da maneira mais respeitosa e menos burocrática possível. Dando voz aos educandos, estamos contribuindo para que se desenvolvam, e nesse sentido a internet possibilita mais uma forma de linguagem e escrita, interatividade e busca por informação.

Na nossa escola temos como princípio o diálogo e o respeito, buscamos sempre novas alternativas de trabalho que nos ajudem a atingir nossos objetivos.

3. Professora convidada: Lídia Santos Arruda

– A internet não pode ficar estante no contexto da escola, pois é uma eficiente ferramenta de trabalho. Tanto o celular como os *pen drives* e os portais de relacionamento fazem parte do dia-a-dia do mundo em que vivemos. Os profissionais de educação precisam se orientar sobre a utilização desses instrumentos. O YouTube, por exemplo, tem um dos maiores acervos de vídeos acessíveis ao grande público. Por que não utilizá-lo?

Hoje vejo o Orkut como uma tentativa bem-sucedida de aproximação com os alunos. Através do *site* de relacionamento, tanto os professores podem conferir os gostos musicais dos alunos, as atividades de que participam, o grupo social que freqüentam, como os alunos podem conhecer mais sobre seus professores.

Posso citar o caso de um jovem que veio parar na minha escola porque não dava “certo” na unidade onde estudava. No começo era superdifícil chegar até ele dentro de sala e na escola. Encontrei o caminho através do Orkut. Li o perfil dele no *site* e descobri que gostava do músico e compositor jamaicano Bob Marley. Ao chegar à sala comentei uma citação do cantor. Foi o suficiente para o aluno passar a interagir e a participar com o que sabia. Foi o início da integração dele com a turma e com a escola.

Portanto, se um aluno me pedisse hoje o meu nome de cadastro (o *id*) no Orkut, com certeza o informaria. Como já faço atualmente, porque acredito que a proximidade permite que o educando confie mais no seu professor. Além do que, falta para alguns alunos nossos se sentirem aprovados pelo grupo e serem enxergados como alguém importante. Pertencer a uma rede de amigos públicos é uma forma de validar o outro.

Um lugar para a cultura afro

Espaço Abdias Nascimento promove palestras, debates e tem até curso pré-vestibular e de idiomas

A cultura afro-brasileira ganha lugar de destaque na cidade. Trata-se do Espaço Abdias Nascimento, uma sala localizada na Casa Brasil-Nigéria, sede do Instituto Palmares de Direitos Humanos (IPDH). No espaço, estão sendo desenvolvidos programas educacionais, de direitos humanos e de desenvolvimento econômico e cultural.

Segundo a presidente do conselho executivo do Instituto Palmares, Maria Catarina Silva de Paula, a sala que homenageia o notório ativista da causa negra no Brasil veio para enriquecer o trabalho de divulgação já realizado pelo Instituto, no que se refere a aspectos culturais e políticos dos afrodescendentes no Brasil. A Casa Brasil-Nigéria também promove palestras, debates, exposições, lançamentos de livros, além de cursos pré-vestibular e de idiomas.

O espaço ganhou importância e visibilidade após a promulgação da Lei 10.639/2003, que há cinco anos tornou obrigatório o ensino de história da cultura africana nas escolas de ensino fundamental e médio. "Alguns alunos usam o nosso acervo nas pesquisas escolares ou vêm aqui conhecer artefatos de origem africana. Temos muito prazer em recebê-los e tornar esta, a casa de todos os que se interessam pelo assunto. É um espaço talvez único no Rio voltado à cultura afro-brasileira. Estamos à disposição também de poetas, artistas e estudiosos", informa a diretora do IPDH.

O local já abrigou eventos como uma exposição sobre o músico e compositor Pixinguinha (1897-1973) e outra sobre o intérprete Moreira da Silva (1902-2000), além de mostras de fotografia e de artigos africanos. Também já funcionou como fórum de discussão de teses e dissertações relativas a temas afro-brasileiros. O ponto alto no ano passado foi a feira de livros sobre cultura africana para o público infantil, realizada em novembro, por conta das comemorações do Mês da Consciência Negra.

De acordo com a diretora, em 2008, grande parte da programação começará no segundo semestre. Por enquanto, estão a todo vapor

as aulas do curso pré-vestibular, já iniciadas, e dos cursos de idiomas, que ainda aceitam novas inscrições. Os interessados podem optar por aulas de francês ou inglês. Para participar, basta ter mais de 16 anos. As turmas contam com cerca de 20 alunos cada.

A Casa Brasil-Nigéria fica na Rua Mem de Sá, nº 39, na Lapa, Centro do Rio. Informações sobre cursos e eventos podem ser obtidas pelo telefone (21) 2221-9313, a partir das 17h. Quem preferir também pode tirar dúvidas ou encaminhar sugestões pelo endereço ipdh.br@gmail.com. ■

TEXTO

CAROLINA BESSA

SAIBA MAIS

A edição 23 de NÓS DA ESCOLA traz uma entrevista com Abdias Nascimento na seção *Atualidade*. O site www.abdias.com.br tem inúmeras informações sobre o ativista.

Defensor da causa negra

A inauguração do Espaço Abdias Nascimento contou com a presença do homenageado. Professor, artista plástico, escritor, poeta e dramaturgo, ele ainda foi deputado federal, senador e secretário de Estado no Rio de Janeiro, além de professor emérito da Universidade de Nova York (EUA). Uma de suas realizações foi a criação, em 1944, do Teatro Experimental do Negro no Rio de Janeiro. Em 1981 ele fundou o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Abdias Nascimento foi consultor da Unesco e escreveu inúmeras publicações sobre a questão do negro no Brasil. Aos 94 anos, no dia 28 de março último, pronunciou um discurso emocionado para os presentes à solenidade de inauguração da sala que leva seu nome

O evento contou também com a leitura da peça *Sortilégio, mistério negro*, de sua autoria, realizada pelo projeto Um Jeito Negro de Olhar.

O reconhecimento de Abdias como defensor das causas negras pode ser medido pelo número de prêmios e homenagens recebidos. São mais de 40, entre eles o Tributo da Universidade Internacional da Flórida, (EUA), em 1986 e Prêmio Unesco de Direitos Humanos, em 2001.

Educação e cultura: singularidades da Colônia Agrícola Japonesa de Santa Cruz

Além de festejar os 100 anos da imigração japonesa para o Brasil, os *nikkeis*¹ de Santa Cruz, bairro da Zona Oeste da cidade, estarão festejando os 70 anos da fundação da Colônia Agrícola Japonesa local.

Em 1988, atendendo a convite da colônia, tornei-me o responsável pela organização, montagem e curadoria de uma exposição que reunia documentos, fotografias, peças de indumentárias e objetos diversificados, cedidos pelos descendentes dos imigrantes da região.

A partir daquela época comecei a desenvolver uma série de visitas às residências dos descendentes de japoneses, obtendo depoimentos que foram gravados e posteriormente utilizados para a elaboração da dissertação *Singularidades da educação na Colônia Agrícola Japonesa de Santa Cruz*, sob a orientação da professora-doutora Lea Pinheiro Paixão.

Da memória e universo rurais, transmiti para a área da sociologia da educação, alicerçando a minha argumentação a partir da trajetória dos nipo-brasileiros nas antigas escolas rurais, sua presença no espaço físico da escola, sua busca por um nível de ensino e de educação melhor e como essa estratégia permitiu o sucesso da comunidade em geral e de seus integrantes em particular.

Para melhor compreensão do meu objeto de estudo, entendi que era de fundamental importância direcionar preliminarmente o meu enfoque a partir da imigração japonesa para o Brasil.

O que diferencia a Colônia Agrícola Japonesa de Santa Cruz é a sua singularidade cultural, tanto no tipo físico dos seus integrantes, mas, principalmente, na comunicação lingüística e na escrita, além dos códigos transmitidos de forma muito própria e peculiar.

Não se podendo dissociar educação de cultura, principalmente quando nos referimos aos nipo-brasileiros, desde a socialização primária

até os comportamentos da fase adulta, os valores culturais, ou códigos socialmente aceitos entre japoneses e nipo-brasileiros, são determinantes no processo de aprendizagem.

Além do incentivo para o aprendizado das primeiras letras em casa, as crianças japonesas no Brasil eram obrigadas a freqüentar a escolinha da colônia, onde eram alfabetizadas em japonês ou em um ensino misto, quando havia crianças de outras nacionalidades e a escola do núcleo colonial era pública ou do fazendeiro. Em geral, no início, era a colônia que montava a escola e contratava o professor.

As crianças dessa colônia tinham o dever e a obrigação de freqüentar a escola. E foram elas que, no movimento de retorno, ajudaram a assimilação dos pais na sociedade local. Seja introduzindo-os na língua portuguesa, no âmbito escolar primário, seja aproximando-se de outros brasileiros, por intermédio dos colegas, nas brincadeiras infantis das quais participavam as crianças nipo-brasileiras.

As relações familiares com as escolas e com a escolarização dos nipo-brasileiros de Santa Cruz foram levantadas por mim durante o desenrolar da pesquisa, a partir de três escolas rurais: a Escola Rural Ponte dos Jesuítas, a Escola Joaquim da Silva Gomes, também conhecida como Escola do Centro² e a Escola Japão. Todas as três ainda existentes são vinculadas à Secretaria Municipal de Educação (SME) da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Procurei estabelecer uma relação estreita entre o modo de socialização das famílias japonesas, sintonizado com os valores fundamentais da educação e os próprios valores que orientam a socialização na escola, como disciplina, respeito aos mais velhos, princípios de responsabilidade etc.

Se a valorização da educação pelos japoneses é um fator cultural, é na família que ela se realiza. Da mesma forma, o valor da educação

ALBERTO JACOB FILHO



Sinvaldo do Nascimento Souza

Mestre em educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professor de história na Escola Municipal Joaquim da Silva Gomes, em Santa Cruz, 10ª CRE

precisa ser demonstrado com o êxito escolar. Para os japoneses e nipo-brasileiros até a terceira geração, era essencial uma educação escolar senão satisfatória pelo menos não-vergonhosa. Ir à escola, respeitar os professores e passar de ano era obrigação de todos. Ter sucesso nos estudos, o que era motivo de júbilo e de recompensas familiares.

Considerando que a colônia era pequena – 36 famílias – e que a média de filhos das famílias japonesas, mesmo naquela quadra, não ultrapassava três filhos, e também que as crianças se matriculavam com idade superior a sete anos, sem dúvida não houve problema em relação à falta de vagas para as crianças da colônia, conforme listagens que localizamos nas escolas anteriormente citadas.

Das três citadas (Ponte dos Jesuítas, Japão e Joaquim da Silva Gomes), a terceira, por ser a mais próxima do centro do bairro, era a mais desejada pelas mães que buscavam matricular seus filhos, por ser, supostamente, a que proporcionava melhores condições para a frequência das crianças, em razão do acesso e da relativa proximidade, em uma época em que praticamente não havia opções locais de transporte coletivo.

Além dos descendentes dos imigrantes japoneses, também entrevistei professores que trabalharam em algumas escolas rurais, chegando à conclusão de que o êxito escolar dos nipo-brasileiros durante o ensino primário não chegava a ser perceptível, embora os registros mostrassem que muitos haviam concluído os estudos sem reprovação no período considerado normal e não se haviam evadido da escola.

A questão das dificuldades com a comunicação lingüística constituía uma grande barreira para a integração dos descendentes de japoneses, que em casa, por força de hábito, eram obrigados a falar a língua dos seus pais e avós e até mesmo nas reuniões esportivas e sociais do *kaikan*³.

Como não poderia ser diferente, a escolarização dos integrantes da comunidade japonesa de Santa Cruz não era uniforme para todos. Os

ILUSTRÇÃO: DAVID MACEDO

ませんでした

はあり

検索結果



検索結果はありませんでした

filhos primogênitos, por exemplo, haviam estudado menos, o que, para os padrões aceitáveis da comunidade de Santa Cruz, significava um curso além do primário, normalmente, o ginásio acompanhado de um curso técnico. Os primogênitos, de acordo com a organização cultural dos japoneses, deveriam suceder os pais nos negócios da família, tendo de se preparar mais cedo e, portanto, não estudar além de certo prazo para quitar o pagamento dos lotes e das casas onde moravam. A manutenção do primogênito como substituto eventual do titular, em caso de falta provocada por doença ou morte, era uma forma de assegurar o cumprimento do acordo.

Às filhas, em geral, era reservada uma orientação bastante diversa. As mulheres japonesas têm liberdades relativas, no âmbito de uma sociedade machista e patriarcal. Tudo dependia da composição da família. Se, por exemplo, houvesse entre os filhos um primogênito – o que significava que a linha de transmissão da herança de família estava assegurada –, as filhas gozariam de um maior grau de liberdade quanto a seguirem a sua vocação ou desejo, incluindo os estudos. Entretanto, quando só havia filhas, o que se constata não ser tão raro assim, uma delas, não necessariamente a mais velha, deveria se casar para manter a linha de sucessão por intermédio do marido.

Os nipo-brasileiros de Santa Cruz apresentam características gerais do padrão cultural japonês e, como forma de aculturação, características próprias por causa do seu modo de integração ao espaço geográfico e cultural do bairro. ■

¹Imigrantes e seus descendentes.

²Referência ao Centro Agrícola de Santa Cruz.

³Associação ou clube esportivo e cultural.

Medicalização do fracasso escolar

A medicalização, enquanto redução fiscalista, representa um dos mecanismos mais perversos quando utilizada para engendrar processos sutis de seletividade social.¹

A medicalização do fracasso escolar ocorre quando o saber médico, especialmente o psiquiátrico, contribui de forma acrítica para o enquadramento patológico de milhares de crianças, vítimas do fracasso escolar.

A medicalização não representa, portanto, desconhecimento ou distorção do saber médico, mas está em perfeita consonância com a racionalidade científica moderna, representando a consequência lógica da visão naturalista (Luz, 1988) – mecanicista e organicista – de homem e de sociedade.

Na perspectiva histórica, o processo de medicalização do fracasso escolar tem a sua origem mais específica nos Estados Unidos, quando, nos anos 1960, após período de prosperidade para a classe média (duas décadas depois da Segunda Guerra Mundial), surgiram muitos problemas sociais, entre os quais a ocorrência de problemas escolares. Para Coles (1987), a emergência do campo dos chamados “distúrbios da aprendizagem” surgiu como resposta à demanda social de parcelas da “classe média branca americana inconformada” com o “inexplicável” fracasso escolar dos seus filhos.

Dessa forma, ficou camuflada a real dificuldade da escola e da família em enfrentar as mudanças sociais e econômicas ocorridas na sociedade norte-americana, na medida em que

1. Presença de sinais de desatenção (66%)

- Muitas vezes não consegue prestar atenção a detalhes ou comete erros por falta de atenção em tarefas escolares, trabalhos ou outras atividades.
- Muitas vezes não consegue manter atenção nas tarefas ou brincadeiras.
- Frequentemente parece não ouvir o que é dito.
- Muitas vezes não consegue seguir instruções ou terminar trabalhos escolares (não devido a um comportamento de oposição ou por dificuldade de seguir instruções).
- Frequentemente a sua capacidade de organização para tarefas e atividades fica reduzida.
- Muitas vezes evita ou demonstra forte aversão a tarefas como deveres de casa, que exigem trabalho mental continuado.
- Com frequência perde objetos necessários a certas tarefas ou atividades, tais como deveres de casa, lápis, livros, brinquedos ou ferramentas.
- Muitas vezes é facilmente distraído por estímulos externos.
- Frequentemente é desatento no curso das atividades diárias.

os distúrbios de aprendizagem são considerados como disfunção do sistema nervoso central, intrínseco ao sujeito. Assim, desloca-se a questão dos determinantes econômicos, sociais e políticos, como causa básica do fracasso escolar, para distúrbios individuais de aprendizagem, culpando-se o próprio aluno (em geral, o seu funcionamento neurológico) por problemas de comportamento e de baixo rendimento escolar que apresenta.

Exemplo desse fenômeno vem ocorrendo no Brasil com a medicalização crescente de crianças e adolescentes de todas as classes sociais, classificados como padecentes do

TEXTO

JAIRO WERNER*

ARTE

DAVID MACEDO

*Professor associado I, responsável pela área de desenvolvimento infantil e psiquiatra infantil da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (UFF); professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); mestre em educação pela UFF e doutor em saúde mental pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

¹A medicalização de uma questão consiste na busca de causas e soluções médicas, em nível organicista e individual, para problemas de origem eminentemente social (Moysés e Collares, 1985).

transtorno mental conhecido pela sigla TDA/H – Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (*Manual estatístico e diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria, 1994*) –, a despeito de os critérios de diagnóstico do TDA/H (*quadros 1, 2 e 3*) serem extremamente questionáveis (Werner, 1992,1997, 1999, 2005).

A maioria dos sinais de desatenção, hiperatividade e impulsividade refere-se a habilidades exigidas pela escola, sem que se levem em consideração tipos de interação e de interlocução que permeiam as relações que se desenvolvem no espaço escolar. Habitualmente, sequer se considera que comportamentos semelhantes podem resultar de processos subjacentes diferentes.

Somente a partir de outra representação do funcionamento mental do homem, como a trazida por Vygotsky (1988-9), é possível compreender que formas complexas de comportamento humano (como a atenção voluntária) são socialmente organizadas e transmitidas culturalmente. Nesse sentido, a relação entre a atenção e o seu substrato neurofisiológico passa a ser analisada no processo de interação social, onde a atenção dirigida para alguma atividade se manifesta em presença de um motivo social de comportamento.

A questão a se destacar, atualmente, refere-se à utilização do TDA/H como justificativa não só para o fracasso escolar, mas até mesmo para o desemprego. Informações fornecidas pela Associação Americana de Psiquiatria sugerem que pacientes, em função de um provável fator constitucional/biológico, ainda não comprovado, alcançam menor grau de escolarização e apresentam “realizações vocacionais” (eufemismo para desemprego) mais fracas em relação aos seus pares e ainda: “o desenvolvimento intelectual, avaliados por testes de QI, parece ser um

pouco inferior em crianças com esse transtorno” (DSM-IV, 1995: 79;80).

Segundo Vygotsky (1989), o diagnóstico tradicional (médico, psicológico, por exemplo) cristaliza o que deve ser visto como processo, como parte da dinâmica do desenvolvimento. A consequência do diagnóstico, orientado somente para a “falta” e para o “não”, é o estabelecimento de limites *a priori* para o desenvolvimento do sujeito. Daí resultam metas negativas nas esferas social e educacional; em vez disso, a avaliação diagnóstica deveria propiciar conhecimento e reverter as metas “minimalistas” (no dizer daquele autor) e construir condições sociais de superação e a co-construção de novos conhecimentos e habilidades.

Infelizmente, pais e profissionais de educação cada vez mais buscam o apoio dos diagnósticos e classificações como instrumentos fundamentais para a abordagem educativa. Esse fato fica bem demarcado na dependência do educador de avaliações médicas ou neuropsicológicas, com o que ele procura referências (diagnóstico, teste de QI, nível de atenção) para planejar o processo pedagógico. Não se trata ►

2. Presença de sinais de hiperatividade (100%)

- Frequentemente movimentam mãos ou pés, ou se contorce enquanto sentado.
- Deixa o lugar em sala de aula ou em outras situações em que deveria manter-se sentado.
- Frequentemente corre de um lado para outro, ou levanta-se excessivamente em situações em que não seria apropriado (em adolescentes ou adultos podem estar presentes apenas sinais de inquietação).
- Muitas vezes é injustificadamente barulhento ao brincar, ou não consegue dedicar-se a brincadeiras mais tranquilas.
- Exibe um quadro persistente de excessiva atividade motora, que não é substancialmente modificado pelo contexto.

SAIBA MAIS

WERNER JR., J. *Desenvolvimento e aprendizagem: contribuição para a desmedicalização do fracasso escolar*. Niterói, 1992. Universidade Federal Fluminense. Dissertação de mestrado.

_____. *Saúde & educação: desenvolvimento e aprendizagem do aluno*. Rio de Janeiro, Gryphus, 2001, 2005 (Educação em diálogo, v. 5).

_____. *Transtornos hiperclínicos: contribuições do trabalho de Vygotsky para reavaliar o diagnóstico*. Campinas, São Paulo, p. 224. Universidade Estadual de Campinas, 1997. Tese de doutorado.

_____. *Análise microgenética: contribuição dos trabalhos de Vygotsky para o diagnóstico em psiquiatria infantil/Mikrogenetische Analyse: Vygotsky Beitrag zur Diagnosefindung auf dem Gebiet der Kinderpsychiatrie*. Int. J. Prenatal and Perinatal Psychology and Medicine. Heidelberg, v. 11, n. 2, 1999, p.157-71.

aqui de incompetência do professor, mas da incorporação de concepções relacionadas à medicalização da vida aplicadas à educação.

Medicamentos estimulantes também têm sido utilizados indiscriminadamente para melhorar o desempenho acadêmico e esportivo de milhares de crianças e adolescentes. Nesse cenário de *Admirável mundo novo*² previsto por Aldous Huxley (1982), em 1932, Francis Fukuyama (2003) questiona o que deveríamos fazer em resposta à biotecnologia, que (hoje) e no futuro combinará grandes benefícios potenciais com ameaças tanto físicas e manifestas quanto espirituais e sutis? Para este autor, o perigo mais sutil pode estar justamente no campo do controle social do comportamento humano.

Outra consequência da medicalização refere-se à incorporação pelos sujeitos de novo tipo de subjetivação, centrado nas características corporais e biológicas – as bioidentidades. Neste contexto, segundo Lima (2004), “a concretude do corpo e os parâmetros da biologia tornam-se uma das poucas fontes de certeza, segurança e estabilidade a recorrer”. Assim, não causa mais estranheza a facilidade com que as pessoas se definem hiperativas, bipolares, *tourette*, compulsivas, anoréticas, disléxicas, como forma de pertencer a algum grupo e dar sentido a suas vidas e dificuldades.

O processo de medicalização está, portanto, vinculado a conteúdos ideológicos, assim

²Na Previsão de Huxley: a felicidade universal é preservada através de drogas psicoativas (soma); a vida está livre da doença e da velhice (saudáveis e felizes); cientistas são capazes de produzir bebês para um trabalho exato; há cinco tipos de humanos variando dos intelectualmente superiores *alphas* aos moncorongos *epsilons* (não existe mais uma espécie humana, pois existem várias); não sabem que são infelizes e se soubessem não se importariam; são escravos felizes com uma felicidade abjeta; ninguém leva mais religião a sério e a família biológica foi abolida; a modificação do comportamento através da repetição subliminar e, quando necessário, a administração de vários hormônios artificiais; cinema sensível, em que a sensação era simulada por eletrodos implantados no cérebro (In: Fukuyama, 2003).

3. Presença de sinais de impulsividade (100 %)

- Com frequência responde as perguntas impulsivamente, sem que tenham sido completadas.
- Muitas vezes não consegue esperar em fila, ou aguardar a vez em jogos ou situações de grupo.
- Frequentemente interrompe ou se intromete em conversas ou jogos de outras pessoas.
- Muitas vezes fala excessivamente, sem a reserva usual ao trato social.

como traz as marcas das concepções naturalistas da racionalidade científica moderna.

O fracasso escolar (Patto, 1990) – evasão, repetência, falha de aprendizagem –, mesmo sendo fenômeno primariamente social que decorre de processo de seletividade social, apresenta mecanismos próprios que se refletem no cotidiano escolar. Neste sentido, o professor, o médico, o psicólogo e todos os que se defrontam com a questão das dificuldades escolares precisariam ter acesso a outra forma de conceber o psiquismo humano, como o proposto pelo enfoque histórico-cultural. Na concepção de Vygotsky (1988-9), um dos autores mais importantes dessa vertente, os processos afetivo-cognitivos (atenção, cognição, consciência, percepção, memória, linguagem e outras funções psíquicas) emergem no plano das relações entre sujeitos (interpessoais) – no caso, professor-aluno e dos alunos entre si –, ao mesmo tempo em que são internalizados, singularizados, consolidados e transformados dialeticamente no plano intrapessoal. ■



Educar, ouvir e cuidar

TEXTO BETE NOGUEIRA ARTE ALINE CARNEIRO

O caminho é longo, mas o que nossos jovens e crianças precisam começa e termina na escola. Como um caleidoscópio, ser jovem ou ser criança no Brasil é uma questão multifacetada, formada por diversas realidades e cada uma delas com problemas específicos. Enquanto milhares de jovens almejam o primeiro emprego e exigem o acesso à informação, por exemplo, crianças em diversas partes do país ainda são exploradas como mão-de-obra escrava. Apesar de termos uma lei que garante o acesso escolar, a exclusão pode acontecer em salas de aula, ou no próprio desenrolar da vida, com muitos jovens impossibilitados de concluir os estudos quando entram no mercado de trabalho. Cultura e lazer também têm a sua demanda entre os mais jovens, tanto na cidade quanto no campo. Mas os especialistas garantem: para começar a dar voz a qualquer desses grupos e procurar uma solução, a porta de entrada é a educação. ▶

Segundo o Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), já temos 97,6% das crianças de 7 a 14 anos na escola, mas o Brasil ainda tem 660 mil delas à margem dos muros escolares, das quais 450 mil são negras. Nas regiões mais pobres, como o Norte e o Nordeste, somente 40% das crianças terminam a educação fundamental, enquanto no Sul e Sudeste o número sobe para 70%. O país tem 21 milhões de adolescentes com idade entre 12 e 17 anos. De cada 100 deles que entram no ensino fundamental, 59 concluem a 8ª série. E o funil continua: apenas 40 estudantes chegam até o fim do ensino médio. Diversos são os fatores que levam à evasão escolar: pobreza, violência e gravidez precoce estão entre os mais importantes.

Juventude, população e emprego



País	Porcentagem de jovens	Desemprego entre jovens (%)	Desemprego entre adultos (%)
Argentina	24	24	7
Bolívia	17	14,4	n/d
Brasil	26,8	17,8	5,6
Chile	24,3	22	6
Paraguai	26,4	12	3
Uruguai	22	28,2	9

FONTE: RELATÓRIO DA PESQUISA JUVENTUDE E INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANA, REALIZADO PELO IBASE E INSTITUTO PÓLIS.

Em pesquisa realizada pelo Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas) em parceria com o Pólis (Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais), foi constatado que no Brasil – assim como na Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai, os outros países pesquisados – a grande preocupação, disparado, é a educação. Educação pública e de qualidade é o pedido geral, mas há especificidades. Por exemplo, os jovens que já trabalham pedem uma escola mais flexível, que possa ser encaixada nas suas realidades e, quem sabe, ministrada em lugares menos ortodoxos, no espaço do próprio trabalho ou mais próximo a ele, com as séries sendo substituídas por módulos.

O resultado do estudo, intitulado *Juventude e integração sul-americana*, foi apresentado em fevereiro no Rio, traçando as seis grandes demandas que devem ser observadas. Além da educação, os outros temas em que os jovens mais procuram melhorias são: mundo do trabalho, cultura, direitos humanos, meio ambiente e o direito a circulação e mobilidade para garantir o acesso a todos os outros direitos.

Apesar de não focar a infância, quase todos os problemas tratados no estudo começam em faixas etárias anteriores, especialmente no que se refere à educação. “O ensino fundamental de boa qualidade é uma reivindicação histórica – o que se consegue com conteúdo e preocupação de aprender a aprender”, atesta a antropóloga da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Regina Novaes, consultora do Ibase. Segundo ela, aprender a raciocinar e saber onde procurar a informação são fundamentais tanto para a escola regular quanto para modelos de escolas alternativas. “Isso dá mais possibilidades de jovens poderem buscar conhecimento fora da sala de aula. O melhor é que o tempo da escola seja um, no tempo previsto por lei, seqüencial e que ensine a refletir. Mas já que temos uma dívida histórica, por que não pagá-la em novos termos?”, sugere. Essa nova escola teria como meta transformar experiência em conteúdo. Por exemplo, um jovem que está no mercado de trabalho e utiliza a matemática na prática pode chegar aos conceitos matemáticos a partir de sua própria experiência. “Algumas escolas experimentais hoje têm o papel de renovar os currículos das escolas regulares. Isso

é animador: pensar que, buscando soluções emergenciais, podem-se trazer subsídios para melhorar as escolas tradicionais.”

Eliane Ribeiro, da Faculdade de Educação da Uerj (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), da Unirio e também consultora do Ibase, reforça a questão qualitativa. “Os jovens querem escolas, mas não qualquer coisa: eles exigem a valorização do ensino e do próprio aluno. Dizem que o jovem não quer nada, mas as pesquisas mostram o contrário. Uma das queixas é de alunos que passam anos em uma escola e professores e diretores não sabem nem o seu nome”, comenta. Com isso, as habilidades e competências muitas vezes *passam batidas*. A educadora dá como exemplo um menino de uma escola da Baixada Fluminense, que era um dos melhores grafiteiros da região, e quando a escola precisou de um trabalho de grafite contratou outro profissional do bairro. “Isso é muita desvalorização dos jovens”, diz Eliane.

Outra questão que aflige quem reflete sobre a escola pública é a falta de professores. Mas este não é o único problema apontado pelas consultoras. “Passamos de um milhãozinho de pessoas na escola para milhões, o que exige um exército de formadores capacitados. O acesso quantitativo é muito importante, mas o qualitativo vai ser mais lento. Há questões de infra-estrutura e de gestão”, exemplifica Eliane.

Ao mesmo tempo em que existe a boa notícia de que a população mais pobre está tendo, nos últimos 10 anos, mais acesso aos bancos escolares, ainda há o ranço, em toda a sociedade latino-americana, de que para as classe menos abastadas não há a necessidade de um serviço ter qualidade. Além disso, como o ensino fundamental é responsabilidade dos municípios, fica complicado para o governo federal traçar uma diretriz para ser plenamente cumprida entre os mais de 5 mil municípios brasileiros, tão diversos entre si. “Mas temos grandes avanços:”, comemora Eliane, “para um país deste tamanho, que conseguiu merenda escolar em todos os lugares e a distribuição do livro didático, há o que comemorar”.

Regina faz questão de lembrar que em todo o país encontram-se escolas com experiências interessantes, inovadoras. Mas tudo isso começa com uma boa direção e professores dispostos e bem formados. “O magistério

Gravidez na adolescência

3.508 entrevistadas no município do Rio

Grupos	Mães até 19 anos (%)
Instrução no máximo até 4ª série	23,1
Sem trabalho remunerado	87,9
Residência em favela/rua	26,3
Domicílio sem água encanada	9,1
Cor da pele não-branca	57,8
Pai do bebê desempregado	24,4
Não vive com o pai do bebê	34,3

FONTE: CADERNO DE SAÚDE PÚBLICA, 2002.



nem sempre é valorizado. A escola, como lugar que acolhe, exige, dá sociabilidade, enfrenta ambientes hostis em algumas comunidades – precisa ter profissionais muito bem amparados”. Muitas vezes, os educadores não têm apoio oficial para uma formação continuada, e a eles também falta o acesso à cultura.

A palavra é: diálogo – A cultura também é peça fundamental nessa engrenagem, mas é preciso ter senso crítico sobre a sua utilização. Quando um espaço para a cultura entra no currículo, mas apenas para ocupar o espaço das crianças e jovens, ele não multiplica a sua potência. Para a antropóloga, o texto que estão passando é que aqueles alunos preci- ▶

sam ter o tempo ocupado para não tomarem o rumo errado. “Mas estamos falando de espaço regular, é preciso que atividades culturais entrem como parte integrante da escola e não como apêndice, que aparece no final para enfeitar o trabalho, sem pertencer ao essencial da escola”, salienta Regina.

Por mais que a cultura digital e a sociabilidade sejam importantes, é preciso dar mais um passo: fazer com que isso entre de vez no currículo, para que os estudantes tenham a possibilidade do aprendizado, da fruição e da formação de identidade. O ideal é que todas as disciplinas estejam permeadas pelas questões cultural e digital. “Se numa escola uma equipe de professores explorar isso, coisas dentro do sistema curricular, há um salto enorme de qualidade, [que] gera riqueza e envolve o aluno”, reforça a antropóloga. Por exemplo: um professor pode saber tudo de geografia, mas tem dificuldade de procurar um mapa na internet, e o aluno que já fez diversas pesquisas pode dar esse suporte, ajudando o professor e sendo valorizado no ambiente escolar, entendendo que aquele saber pode ser usado não só nas horas de lazer, mas para a vida toda. Essa predisposição de fazer um trabalho em equipe é que muda a escola. “A cultura não pode virar virar um coringa que pode entrar em qualquer jogo, mas que não muda as outras cartas”, alerta.

E cultura não significa simplesmente reproduzir as manifestações que aquele grupo escolar conhece. Isso é importante, sim, como trabalho de identidade e para ajudar a combater preconceitos. Mas as oportunidades culturais precisam ser ampliadas. É diálogo constante: o

que se conhece e o novo devem conviver, serem respeitados e incluídos no dia-a-dia dos alunos. Nada contra, por exemplo, trabalhos que envolvam o *funk*, mas é importante os alunos serem orientados a conhecer outras manifestações musicais, como por exemplo a MPB e até a música clássica. Esse é o desafio: que todas essas idéias e concepções criem a noção do público e que a diversidade seja trabalhada em todos os aspectos. Como diz a consultora do Ibase, “Cultura não se põe numa caixinha para ser exibida em dia de festa”. Esse diálogo é o papel de todos os professores, porque isso vai facilitar o processo de conquista necessária para que os alunos estejam abertos ao aprendizado.

Comunicação como ponta-de-lança – O conhecimento se renova muito mais rapidamente do que antigamente por conta das novas tecnologias, fazendo as informações circularem, seja entre (ou a partir de) jovens do campo ou da cidade. Na pesquisa do Ibase, foi confirmada essa tendência da reinvenção da participação social e do conhecimento mútuo entre grupos. Não existe mais isolamento espacial. Nas cidades, onde a imagem que se tem do estudante contestador é a do universitário de classe média, novos contornos estão surgindo: a tecnologia da informação abriu as portas para jovens de classe menos abastadas entrarem na luta por seus direitos. É uma cadeia de ação e reação que começa com a comunicação: informações mais rápidas, conhecimento maior, mais pessoas identificando os problemas e mais facilidade para organizar e trocar idéias por melhorias nos seus grupos.

Vida sexual

Dados de 2002. Foram entrevistados 4.634 jovens nas cidades do Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador

Média de idade para 1ª relação: 16,2 anos (rapazes) e 17,9 anos (moças)

Situação de gravidez antes dos 18 anos: 8,9% dos homens e 16,6% das mulheres

Gravidez sem planejamento: 85,6% dos rapazes e 70,3% das moças

Gravidez antes dos 20 anos: 48,7% dos rapazes e 42% das moças já tinham interrompido os estudos

Grupo que teve a escola como fonte primária de informação sobre gravidez: 9,7% dos rapazes e 19,4% das moças

FONTE: GRAVAD - GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: ESTUDO MULTICÊNTRICO SOBRE JOVENS, SEXUALIDADE E REPRODUÇÃO NO BRASIL, CITADO NO SITE DA MULTIRIO.

Problemas na vizinhança – Dos seis países que participaram da pesquisa do Ibase, foram colhidas diferenças e semelhanças que podem dar uma pista dos caminhos a seguir. Os países são diferentes em termos educacionais, trajetória etc. No Chile, por exemplo, a educação básica é um direito já consolidado, praticamente todos chegam ao ensino médio. Uruguai e Argentina já estão bem adiantados também. No Brasil, houve uma grande ampliação do direito no ensino fundamental. Mais de 90% da população de sete anos conseguem entrar na escola, e o desafio agora é completar o curso. Já Bolívia e Paraguai têm uma história, digamos, mais precária. “Mas esses dados não significam que os países mais adiantados não tenham problemas educacionais”, alerta Eliane Ribeiro.

Novos desafios são colocados, e alguns em comum. “Que necessidades básicas têm hoje esses meninos? Nunca tantos jovens tiveram acesso à educação. Por isso, eles podem ver os problemas, podem avaliar a qualidade do que lhes é oferecido”, completa. No Brasil, tivemos grande ampliação ao acesso, especialmente na última década, mas há o problema da permanência e qualidade, questões que passam por todos os países da pesquisa. Essas demandas estão, segundo a pesquisadora, muito relacionadas ao contexto do desemprego. “Antigamente, quem fazia o ensino médio já tinha um emprego razoável. Hoje, nem a universidade, em algumas carreiras, garante emprego”, compara.

Saúde – Dos 190 milhões de brasileiros, quase 60 milhões têm menos de 18 anos de idade, o que equivale a quase um terço do número de crianças e adolescentes da América Latina e do Caribe¹. As crianças são mais vulneráveis às violações de direitos e à pobreza. No semiárido nordestino, onde vivem 13 milhões de crianças e adolescentes, mais de 70% deles são classificados como pobres, o que reflete em todos os âmbitos, da educação à saúde. As crianças pobres têm mais do que o dobro de chance de morrer, em comparação às ricas; e as negras, 50% a mais, em relação às brancas.

Segundo o Unicef, em 2005, dos 3 milhões de crianças que completaram 1 ano de idade, 370 mil não possuem registro de nascimento, tendo negado, assim, o seu direito a uma identidade. A desnutrição entre crianças menores

de 1 ano diminuiu em mais de 60% nos últimos cinco anos, mas ainda cerca de 60 mil crianças com menos de 1 ano são desnutridas.

O combate à Aids realizado no Brasil é reconhecido internacionalmente como dos mais eficazes, mas ainda não conseguimos assegurar o acesso universal à prevenção, tratamento e cuidados para as crianças e os adolescentes. Entre 1993 e 2005, a taxa nacional de transmissão do HIV da mãe para o bebê caiu de 16 para 8%.

Atentado contra o futuro – Aproximadamente uma em cada 10 crianças brasileiras (entre 10 e 14 anos de idade) trabalha, alerta o estudo do Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe)². Esta taxa está entre as três maiores da América Latina, juntamente com Honduras e Guatemala, países que têm, pelo menos, a metade da renda *per capita* do nosso.

Quase meio milhão de crianças e adolescentes sofre com o trabalho infantil doméstico, uma forma disfarçada de escravidão. Dados de 2001 da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do IBGE) apontam que, destas, 93% são do sexo feminino e 61%, de origem negra. Este tipo de exploração tem dois agravantes: contribui menos para a experiência do trabalhador do que as outras formas de inserção no mercado de trabalho e não é passível de fiscalização, facilitando a exposição a injustiças como baixa remuneração, longas jornadas de trabalho e até violência física – inclusive, abuso sexual.

A educação e a renda dos pais é fator relevante para a entrada prematura no mercado ▶

¹Fonte: Unicef.

²Fonte: site da Andi.



de trabalho. Metade dos quase 500 mil trabalhadores infanto-juvenis domésticos nasceu em famílias com renda inferior a meio salário mínimo, de acordo com dados do IBGE. Cerca de 30% são filhos de pessoas sem nenhum ano de escolaridade. A proporção de trabalhadores infantis cai conforme aumentam o nível de renda do núcleo familiar e a escolaridade da mãe.

De acordo com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Estado e a sociedade são obrigados a proteger as crianças de qualquer forma de trabalho infantil. A profissionalização de adolescentes só pode acontecer a partir dos 16 anos (com carteira de trabalho assinada), a não ser na condição de aprendiz, aos 14 anos. Entretanto, crianças e adolescentes são proibidos de exercer qualquer atividade que caracterize trabalho perigoso, insalubre (em locais prejudiciais à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e so-

cial) ou noturno (das 22 às 5 horas da manhã). A Lei do Aprendiz, promulgada no ano 2000, estabelece que empresas de médio e grande portes – cuja receita bruta anual seja superior a R\$ 1,2 milhão – são obrigadas a contratar até 15% de seus funcionários como aprendizes. A lei também permite que organizações não-governamentais ofereçam formação técnica aos adolescentes.

Mas não é no mundo do trabalho que está a maioria dos relatos de jovens brasileiros como vítimas. De acordo com notificações feitas em todo o país (é preciso lembrar que há dados que são ocultados pela omissão), 96% dos casos de violência física e 64% dos de abuso sexual contra crianças de até seis anos são cometidos por familiares. Fora de casa, a faixa etária seguinte aparece como presa fácil do uso de armas de fogo e de outras formas de matar. Nas duas últimas décadas, o número de homicídios de adolescentes entre 15 e 19 anos aumentou quatro vezes, atingindo principalmente meninos de famílias pobres das áreas urbanas.

O jovem brasileiro

2.359 entrevistados em 2004, com idades entre 15 e 30 anos

Palavras escolhidas para definir a atual geração (%)

Vaidosa (preocupada com a aparência)	37
Consumista	26
Acomodada	22
Individualista	22
Aberta (menos preconceituosa)	20
Com pressa (impaciente)	20
Independente	20
Responsável	19
Sem medo de errar (ousada)	18
Bem informada	18
Estressada (sobrecarregada)	17
Alienada	17
Tecnológica	12
Consciente	12
Sem conteúdo	11
Menos estressada que os pais	8

FONTE: DOSSIÊ UNIVERSO JOVEM MTV.



Triste liderança – De acordo com o *Mapa da violência dos municípios brasileiros*, divulgado em fevereiro último pela OEI (Organização dos Estados Ibero-americanos para a Ciência e a Cultura), entre 1994 e 2004, o número de homicídios na população jovem saltou de 11.330 para 18.599, um aumento de 64,2%, crescimento bem superior ao da população: 48,4%. Em todas as regiões do país, o aumento do número de vítimas jovens foi maior do que o registrado na população total. No Estado do Rio de Janeiro e em Pernambuco, a marca ultrapassa a casa dos 100 homicídios em cada 100 mil jovens, enquanto no Maranhão e em Santa Catarina, por exemplo, não chegam a 20 em 100 mil. Nas duas extremidades do corte, nosso estado aparece, tristemente, em primeiro lugar. Em 2004, foram 102,8 em cada 100 mil. A título de com-

paração, São Paulo, nesses 10 anos, teve uma queda nesse índice, indo do terceiro lugar em 1994 para nono, 10 anos depois (56,4). A pesquisa constatou que nos fins de semana os homicídios entre jovens aumentam 80%.

A cidade do Rio tem, em cada 100 mil cariocas, 131 homicídios entre a população jovem, sendo a 53ª cidade mais violenta nesse quesito específico. A mais violenta é Foz do Iguaçu (PR), com 223,3 jovens mortos em um mesmo universo. As outras cidades fluminenses que aparecem entre as 60 mais violentas no relatório da OEI são Itaguaí, Macaé, Duque de Caxias, Belford Roxo, Nova Iguaçu, Nilópolis, Itaboraí, Rio das Ostras, Cabo Frio e Niterói.

O advogado Carlos Nicodemos, fundador e coordenador-executivo da ONG Projeto Legal, com atuação em direitos humanos, diz que, ao contrário do que muitos imaginam, o jovem é mais vítima do que vitimizador. “Tem-se uma idéia equivocada de que esses adolescentes não merecem ter as mesmas garantias que os adultos quando praticam um crime. Por mais que a lei tenha avançado, ainda não se consolidou uma garantia de direitos individuais para eles. A sociedade é mais implacável, por uma compreensão equivocada. É como se o adolescente fosse a principal causa da chamada macroviolência do Brasil, quando não o é.” Em 2004, de acordo com a Secretaria Especial de Direitos Humanos do governo federal, havia 40 mil adolescentes dentro do sistema socioeducativo. Isto representa no máximo 10% da massa penitenciária, que hoje está em torno de 450 mil detentos.

Uma das bandeiras de luta pela justiça juvenil é não aceitar a proposta da maioria penal. “Dezoito anos é uma referência mundial em termos de maturidade. Dos 12 aos 17, existe um sistema de responsabilidade. O Estatuto da Criança e do Adolescente tem sistema de responsabilização muito bem definido, com natureza sancionatória, tem uma finalidade sociopedagógica”, explica Nicodemos. A organização que ele dirige atua na proteção e apoio a crianças e adolescentes ameaçados de morte, uma questão tão séria quanto silenciosa. O PPCAM (Programa de Proteção à Criança e ao Adolescente Ameaçados de Morte) funciona desde 2005, e conta com o apoio da Secretaria Especial de Direitos Humanos do governo

federal. Dos jovens atendidos, ficou constatado que 90% deles sequer completaram o ensino fundamental. Conflito familiar ou intra-escolar, envolvimento com o tráfico e problemas com milícias estão entre os motivos mais constantes de ameaças.

O coordenador chama atenção para a mudança na forma como são vistos os mais jovens sem endereço. “Até 1988, quando a criança ou o adolescente estavam abandonados nas ruas, dizia-se que eles estavam em situação irregular. Só que com o artigo 227 da Constituição, agora compete à família, à sociedade e ao Estado empreender esforços para assegurar os direitos fundamentais dos jovens”, esclarece. Com essa inversão na lei, se alguma criança estiver sofrendo ameaça ou violação de seus direitos, é dever de todo cidadão imediatamente acionar o conselho tutelar.

Na ONG, a comunicação e a tecnologia também são utilizados como instrumentos de resgate dos direitos fundamentais, com a disseminação das idéias e opiniões colhidas por jovens autores de ato infracional. O projeto Comunicação Como Um Direito Humano, implantado no ano passado, promove oficinas onde são discutidos temas relativos à juventude, levando os jovens a refletir sobre a situação em que se encontram, de que forma podem solucionar problemas e ainda passar essas informações a outros adolescentes.

Estatuto na sala de aula – Em 2007, foi aprovada a lei que obriga, para o ensino fundamental, a aplicação do conteúdo do Estatuto da Criança e do Adolescente. O objetivo é auxiliar o professor a desmistificar o seu papel como educador, definir qual o seu limite de atuação e que parte cabe à família. “A escola está sendo sobrecarregada por conta de um processo de fragilização da família, e é dada ao professor uma incumbência que em tese ele não tem”, comenta Nicodemos. Com o apoio do Unicef, o Projeto Legal faz parceria com prefeituras para o programa Cidadania nas Escolas, com o mesmo objetivo. Claro que não é a existência de uma lei que vai dar garantias ao futuro das nossas crianças. Mas, se a educação é um direito fundamental, nunca é demais começar conhecendo as diretrizes que fazem a vida em sociedade valer a pena. ■

SAIBA MAIS

Evento

- 3º Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira - de 4 a 6 de junho de 2008, em Goiânia - GO. O tema deste ano é “Juventudes no mundo contemporâneo: desafios e perspectivas”. Informações: www.idf.ucg.br/jubra3

Livro

- *Advogando pelos direitos humanos dos adolescentes no sistema socioeducativo*, de Carlos Nicodemos. Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

Internet

- www.andi.org.br
- www.ibase.org.br
- www.projetolegal.org.br

Utilidade pública

- Para denunciar casos de violência sexual contra crianças e adolescentes: Disque 100.

Democratizar a informação

Suspensão de artigos da Lei de Imprensa suscita debate sobre regulamentação da comunicação

TEXTO

FABIO ARANHA

ILUSTRAÇÃO

DAVID MACEDO

No ano em que a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) completa 100 anos de existência, o tema da liberdade de expressão entra novamente em pauta a partir de uma discussão sobre a atualidade da Lei de Imprensa. Criada em 1967, em plena ditadura militar, a lei teve recentemente 20 artigos suspensos por decisão do ministro Carlos Ayres Britto, do Supremo Tribunal Federal (STF), que concedeu liminar (decisão provisória que, se não for cassada, vale até a decisão final do tribunal) a ação ajuizada pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT). A decisão também levantou mais uma vez a discussão sobre a necessidade de regulamentação das comunicações no Brasil.

A lei, tida como fator inibidor da liberdade de expressão no país, impõe penas que incluem até a prisão de jornalistas por calúnia, injúria ou difamação. Além disso, estabelece a censura prévia e a apreensão de jornais e revistas. No entanto, os artigos revogados pela decisão do STF já haviam sido superados por legislação posterior, principalmente, a Constituição Federal de 1988, que não recebeu muitos dos artigos da lei. Na prática, ela quase não era mais usada.

Entre os trechos provisoriamente revogados pela liminar do STF estão os que versam sobre censura a espetáculos, determinam a apreensão de publicações, impõem restrições à indenização por dano moral e estipulam penas de prisão para jornalistas. Essas determinações já haviam sido revistas por legislação posterior ou por jurisprudência. A Constituição trata de assuntos como o dano moral e a inviolabilidade da imagem, antes regidos pela Lei da Imprensa e hoje cobertos pelos Códigos Civil e Penal. Inclusive, a maior parte das ações contra jornalistas é movida com base no primeiro, pois não há prazo para ajuizar a ação e o tempo de prescrição é maior do que o da Lei de Imprensa.

Segundo o diretor da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), José Carlos Tor-

ves, o único ponto positivo do episódio é que ele põe em pauta a necessidade de regulamentar o setor. Ele considera um equívoco a extinção pura e simples da lei e defende uma nova legislação. “Há um projeto de lei parado no Congresso que é consenso entre jornalistas e donos dos veículos de comunicação. Ele retira a parte autoritária da lei, que é um resquício do regime militar, e estabelece critérios para indenizações que levem em conta o salário do jornalista (de forma que ele possa pagá-las) ou a tiragem dos jornais, para que não seja preciso fechar o veículo, como acontece hoje em alguns casos”.

Nova realidade – Torves afirma que as empresas de comunicação, que sempre foram contra a regulamentação do setor, hoje são a favor, pois se sentem ameaçadas pelas telefônicas, que começam a oferecer conteúdo de mídia para internet e telefonia móvel, com sistemas de convergência de tecnologia digital. “A falta de regulamentação e a oligopolização são entraves para a democratização da informação no Brasil. Outro problema aqui é que quem produz conteúdo também veicula. Nos Estados Unidos e na Europa, há um operador de rede responsável por transmitir o conteúdo. A existência desse operador abre espaço para canais comunitários e públicos, ainda mais com a chegada da TV digital. Isso valoriza a produção regional e é um incentivo à liberdade de expressão”, comenta.

Para o presidente da ABI, Maurício Azêdo, há um clima positivo de respeito à liberdade de imprensa no Brasil e aos direitos que a integram, como os de opinião e de divergir, e acesso às fontes de informação. “A Constituição veta a censura de natureza política, ideológica e artística. Isso proporciona grande proteção à liberdade de informação, expressão e criação artística no país. Em contrapartida, este clima de respeito às disposições constitucionais é toldado por manobras que prejudicam a liberdade de imprensa, como de-



ciões judiciais em primeira instância em que juízes desinformados ou com vocação totalitária impõem censura prévia a veículos de comunicação, impedindo a publicação de textos referentes a fatos e pessoas. Isso é contrário ao que diz a Constituição", ressalta.

No entanto, ambos vêem com preocupação o episódio recente das ações orquestradas pela Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd) e ajuizadas por fiéis e pastores espalhados por quase 20 estados contra os jornais *Folha de S. Paulo*, *Extra* e *A Tarde* (BA) – *O Globo* também foi ameaçado – e jornalistas destes veículos. As ações seriam retaliações contra matérias publicadas nesses jornais, desde dezembro do ano passado, sobre o império comercial calcado no setor de comunicação da igreja. Para Torves e Azêdo, as ações tiveram o claro propósito de intimidar os veículos de comunicação que manifestam uma visão crítica em relação às atividades da

Iurd. As ações foram baseadas nos Códigos Civil, Penal e na Constituição e apenas citam a Lei de Imprensa.

Quanto à regulamentação das comunicações no Brasil, Torves afirma que a Fenaj vem se reunindo com a Associação Nacional de Jornais (ANJ) e com a Associação Brasileira de Rádio e Televisão (Abert), representantes dos donos dos veículos de comunicação do país, para iniciar uma discussão sobre a necessidade de formular uma nova regulamentação para o setor. "Tivemos uma reunião com o ministro das Comunicações, Hélio Costa, para tentar organizar uma conferência nacional de comunicação no Brasil. Queremos trazer à discussão assuntos como tecnologia digital, liberdade de expressão e de imprensa, a nova legislação, a questão dos operadores. São questões fundamentais para a democratização da informação em nosso país e precisam ser discutidas pela sociedade", conclui. ■



Janela para o mundo infantil

TV é principal fonte de informação para crianças, mas elas têm dificuldade em lidar com telejornais

A televisão faz parte do cotidiano de adultos e crianças e está presente em praticamente todos os lares brasileiros. É verdade também que o número de horas por dia de exposição do público infantil à programação da TV cresce a cada ano. A relação que cada telespectador estabelece com o que vê na TV é diferente e se acentua ainda mais quando falamos de crianças e adultos. Isso fica claro quando analisamos como as crianças lidam com as notícias veiculadas nos telejornais. Pesquisas revelam que elas não se identificam com o formato dos noticiosos e demonstram cada vez mais medo das notícias, já que o assunto predominante nelas é a violência, o principal problema das grandes cidades brasileiras.

O tema foi objeto de trabalho desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia (Grupem) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) com crianças entre seis e sete anos de idade. Uma das constatações do grupo foi que para esse público as notícias da TV constituem um conceito ambíguo e difuso, que poderia incluir fatos e situações ocorridas a qualquer tempo. O trabalho também aponta uma dificuldade das crianças de situar esses acontecimentos nos seus devidos espaços e também uma tendência a confundir jornalismo, ficção e imaginação.

Embora desperte interesse, o sensacionalismo impresso nos telejornais também causa repulsa, resistência e, às vezes, até medo nas crianças. Muitas delas também declararam ver telejornal porque à noite os adultos assumem o comando do controle remoto. Ou seja, se sentem obrigadas a assistir aos noticiosos. Elas percebem a importância de se manterem informadas, mas se tivessem opção prefeririam outros programas. “Há também uma percepção de que os telejornais só veiculam notícias ruins e tristes. Elas [as crianças] são apresentadas a realidades que prefeririam evitar. Outro problema é que há um hiato entre o que é veiculado e os desejos e interesses infantis. Parece que elas

não conseguem estabelecer qualquer tipo de interlocução com o modelo de programa jornalístico brasileiro”, explica a diretora do Núcleo de Publicações e Impressos (NPI) da MULTIRIO, Maria Inês Delorme, cujo tema da pesquisa de doutorado em andamento na PUC-Rio é o conceito de notícia sob a ótica infantil.

Na opinião do jornalista Marcus Tavares, editor do *site* Rio Mídia, o público infantil tem acesso a uma infinidade de informações, contextos e realidades que nem sempre são de fácil compreensão, quando diante das reportagens. O que é apresentado faz parte do mundo em que as crianças vivem. Por isso, negar este acesso seria negar o conhecimento da própria realidade. Mas é papel tanto dos pais quanto da escola trabalhar a notícia com a criança, sem minimizar ou superdimensionar os acontecimentos. Também é necessário dosar a exposição das crianças diante da TV e mostrar a elas que há outras coisas interessantes e animadoras na programação.

Identificação – Para Tavares, os meios de comunicação causam forte impacto nas crianças, o que muitas vezes não chega a ser percebido ou questionado pelos adultos. “Antes de tudo, a TV dá unidade às relações que as crianças estabelecem entre si. Por meio da TV, elas se entendem como um grupo coeso que compartilha padrões, escolhas, sentimentos e valores políticos, estéticos e éticos. De diferentes contextos socioculturais e econômicos, elas se parecem e se identificam umas com as outras. Falam a mesma língua, vestem-se igual, consomem os mesmos produtos, usam os mesmos acessórios. Tornam-se um grupo que entende o mundo da mesma forma, tem os mesmos sonhos e brinca com, pela e a partir da televisão”, explica.

O jornalista defendeu dissertação de mestrado, no Departamento de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Uni-Rio), que analisa o impacto da linguagem televisiva na constituição das identidades de ►

TEXTO

FABIO ARANHA

ILUSTRAÇÃO

GUSTAVO CADAR

crianças de duas escolas do município. Na pesquisa, ele aponta que a TV exerce um papel de extrema importância no universo infantil, na medida em que é através dela que as crianças se informam do que se passa no mundo, aprendem o que ela ensina e se divertem. Para Tavares a primeira coisa que as crianças associam à televisão é a informação. Não é para menos, afirma ele: “65% delas dizem que quando chegam em casa, depois da escola, trocam de roupa e vão direto assistir a TV. A metade fica, pelo menos, quatro horas diárias à frente da telinha. Setenta por cento das crianças reconhecem que aprendem com o que vêem na TV”, diz.

O editor do Rio Mídia acrescenta que, para as crianças, o que a TV mostra é real, tem credibilidade e conexão direta com o dia-a-dia. Os conteúdos produzidos e apresentados são na maioria das vezes tomados pelas crianças como verdade absoluta, servindo de exemplo para as aulas, conversas e até mesmo para responder questões de prova. “Dessa forma, a TV educa e serve de exemplo. As informações emitidas pela TV constituem e constroem o mundo que elas vivem. Em outras palavras: a TV produz significado, realidade para as crianças. Uma realidade fragmentada, editada, com objetivos mercadológicos e ideológicos, que é entendida, vista e apreendida como o todo, o legítimo, o real, por meninos e meninas”, completa.

Repercussão – Maria Inês não vê como negar o impacto da recepção da TV na vida das crianças. Essa recepção, não necessariamente negativa, passaria a integrar o modo de cada um se ver e de ver o outro; de compreender, se situar, se relacionar e se entender no e em relação ao mundo social. Estabelecem-se possibilidades de relações e de trocas simbólicas entre os telespectadores mirins. Um dos lugares em que essa apropriação se dá é a escola. A cada dia fica mais evidente a necessidade de pesquisar sobre e com crianças, e também sobre as notícias da televisão.

“Ao tentar entender como as crianças compreendem o que é notícia, uma coisa que fica evidente é a percepção delas de que as notícias do telejornal são todas negativas, o que nem sempre é verdade. Outro aspecto visível é que se estabelece uma certa confusão entre o que é notícia, informação e o que são conhecimentos originários

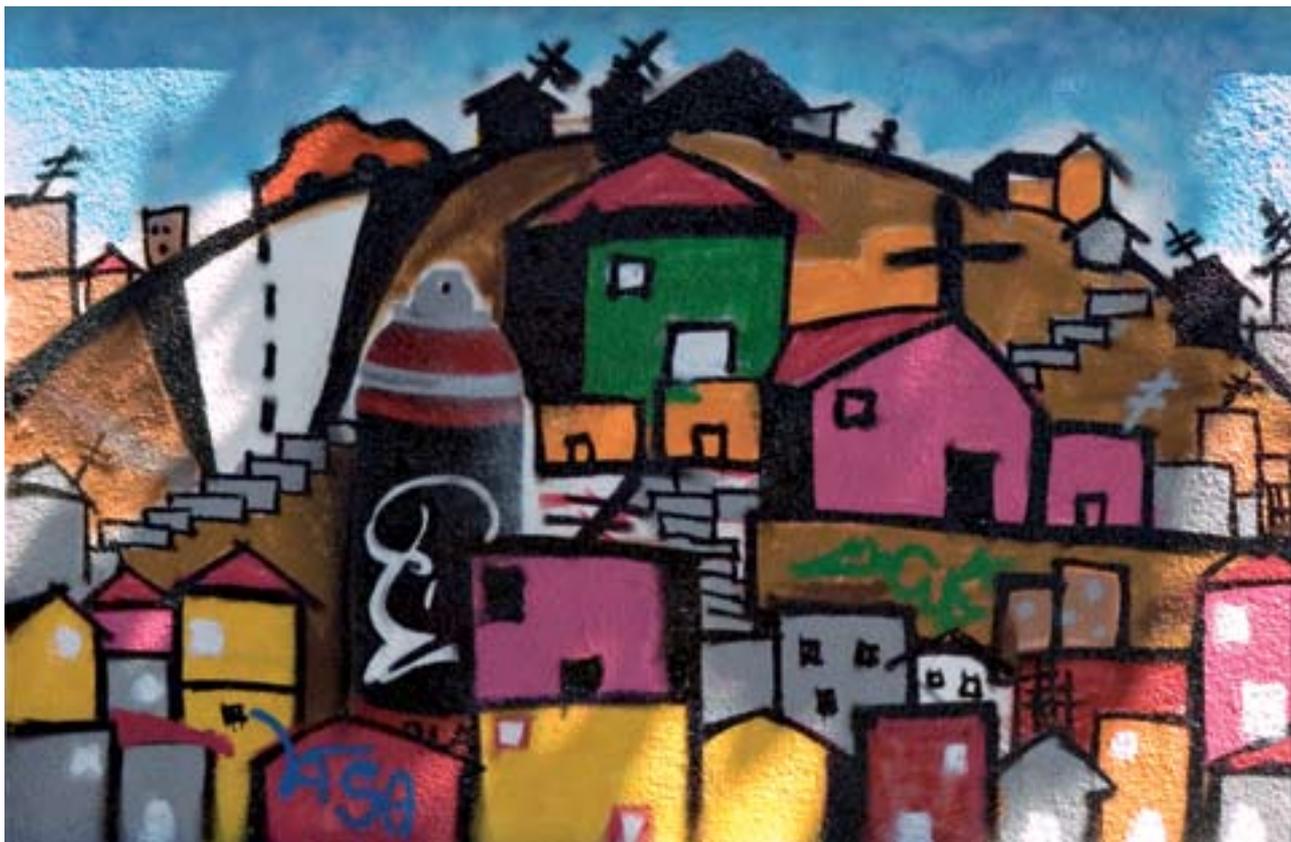
da televisão, mas que podem ser provenientes de outras fontes. Outro aspecto ainda diz respeito à produção das notícias e as fontes. As crianças se questionam de onde vêm as notícias, quem escreve o que o repórter fala, como é possível ver as notícias documentadas por fotos e vídeos que se passam em espaços e tempos diferentes, às vezes simultâneos”, ressalta a diretora da MULTIRIO.

As crianças desse universo da pesquisa também demonstram certeza quanto à existência de pessoas que filtram os acontecimentos que se transformam em notícia, apesar de não saberem exatamente como se dá esse processo. Eles identificam ainda critérios de importância e de urgência usados para classificar as notícias. No entanto, o critério de seleção das notícias não parte do mesmo ponto de vista que têm as crianças. “As notícias que elas julgam importantes para as suas vidas (como o que ocorre em suas comunidades) não têm destaque na TV. Elas se queixam da repetição excessiva de certas notícias em um mesmo canal. Outro fator que exige aprofundamento é o fato de tomarem como verdade absoluta, inquestionável, o que é apresentado nos telejornais, por conta do ritual com que a informação é tratada”, acrescenta Maria Inês.

Segundo Tavares, há um distanciamento entre a linguagem televisiva e a escola. Ele afirma que a escola vê a TV como suporte para os conteúdos disciplinares que devem ser ensinados aos alunos. “Oficialmente, a televisão entra na sala de aula apenas para reforçar o exemplo do professor, a questão apresentada no livro didático ou a história do país ou do mundo. TV, para as escolas pesquisadas, é entretenimento. O ato de ver televisão não é incentivado para adquirir ou debater, a partir dela, conhecimentos e valores”, comenta.

Mas, independentemente desse contexto, a TV chega às escolas por meio dos alunos. Embora o espaço e a influência da televisão não sejam ressignificados pelo professor, ela está lá. “Isso pode ser visto no vestuário, nos acessórios, pela imagem das crianças, a forma de falar, pelo que se deseja, se sonha e se fantasia, como elas pensam e agem. Também pode ser visto pelo fato de que elas têm a televisão como uma das fontes, senão a única, de entretenimento, lazer e cultura”, analisa Tavares. ■

Imagens que contam história



Além de utilizar livros, enciclopédias e a internet para ilustrar fatos da história do Brasil, a Escola Antenor Nascentes, de Anchieta, 6ª CRE, resolveu investir na criatividade para instigar os alunos. Grafite, mosaicos, peças teatrais e dança foram os meios de expressão escolhidos para falar do Brasil desde a vinda da Família Real, em 1808, até os dias de hoje. O projeto pedagógico deste ano, batizado de Dom João ao João Dom, pretende traçar um panorama do que foi o país naquela época e que reflexos daqueles momentos podem ser sentidos até os dias de hoje.

A idéia surgiu a partir de uma oficina de grafite, em parceria com a Central Única de Favelas (Cufa), realizada no ano passado, que culminou na pintura de imagens no muro da escola. Os estudantes desenvolveram trabalhos que abordam questões históricas e culturais do Rio e que falam também da realidade de gran-

de parte deles. As imagens em grafite representam uma espécie de linha do tempo que vai da chegada das caravelas, passa pela libertação dos escravos, pelo Rio antigo visualizado por Jean-Baptiste Debret¹, por pontos turísticos como o Maracanã, o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar, e chega às favelas, falando do combate ao uso de drogas, do *hip-hop* e do bairro de Padre Anchieta, onde está localizada a unidade. “Eu queria algo inovador, que interessasse aos alunos e que valorizasse a escola”, afirma a diretora, Roseane Vasconcellos. ▶

¹Jean-Baptiste Debret foi um pintor e desenhista que integrou a Missão Artística Francesa, de 1816. Fundou no Rio de Janeiro uma academia de artes e ofícios, conhecida mais tarde como Academia Imperial de Belas-Artes. Várias pinturas que retratam o Brasil dos tempos de D. João VI foram feitas por ele.

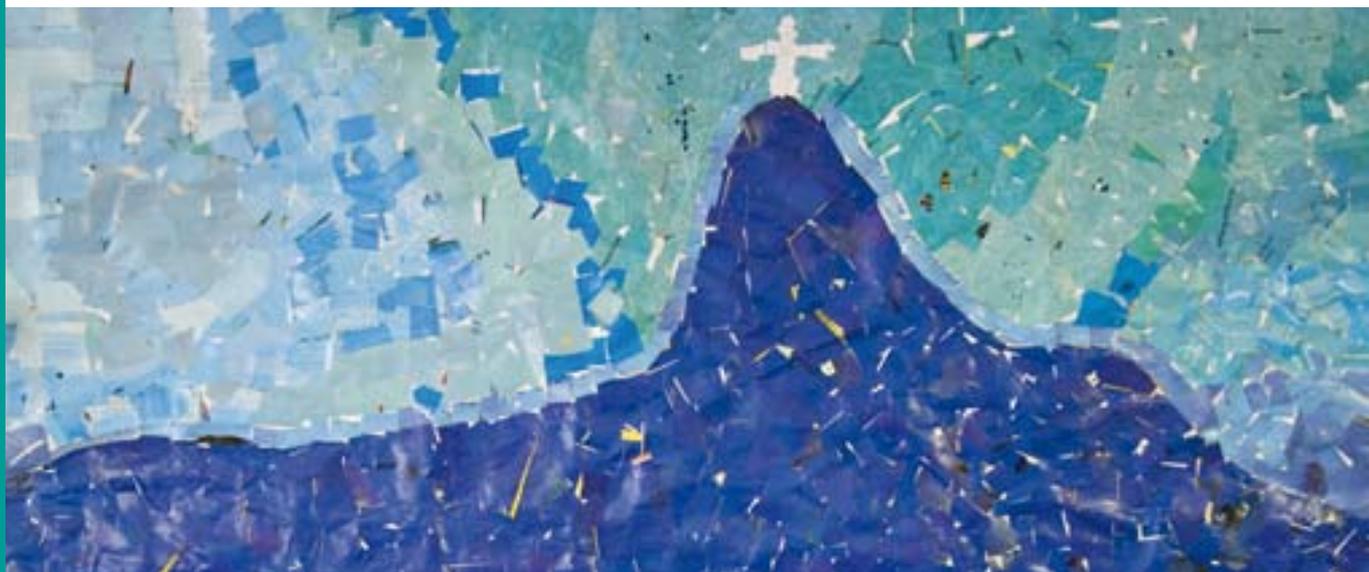
TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

A comunidade em que vivem foi um dos temas escolhidos pelos alunos para adornar o muro da Escola Municipal Antenor Nascentes



O mosaico também foi utilizado como técnica para retratar aspectos do Rio de Janeiro

Ao que tudo indica, as metas estipuladas por Roseane foram alcançadas. A professora de artes visuais Fernanda de Jesus Coutinho garante que, com a atividade, os alunos aprenderam a ter mais prazer em vir à escola e a admirar a beleza que há na arte do grafite. Hoje, eles reconhecem a importância de preservar o patrimônio público, orgulha-se. “Eles entendem a diferença entre grafite e pichação e podem discernir que enquanto um é arte o outro é crime. Por isso, defendem o nosso muro e ficam atentos para que ninguém piche e estrague o trabalho deles”.

O estudante Christian dos Anjos, de 14 anos, participou da criação do painel do Cristo Redentor e adorou o resultado. Como já gostava de grafitar camisetas e painéis em casa, resolveu participar este ano da oficina para aprimorar a técnica. O tema da chegada da Família Real também passou a fazer parte do seu dia-a-dia: “Foi interessante saber que D. João criou o Jardim Botânico. Já fui lá e achei muito bonito. Só não imaginava é que fosse tão antigo”, ressalta.

Os preparativos na escola já estão a todo vapor para pôr em prática as atividades previstas para o ano letivo. Segundo a coordenadora pedagógica da unidade, Márcia Romualdo da Silva, o nome do projeto político-pedagógico está calcado na valorização dos feitos culturais dos últimos 200 anos. Desde o período representado pelo príncipe regente, a ideia é valorizar qualquer João dos dias de hoje, qualquer

cidadão comum da nossa cidade que tenha contribuído para o desenvolvimento local.

O projeto terá duas fases. A primeira falará dos primeiros 50 anos, de 1808 até 1858. A segunda apresentará aspectos do Rio de Janeiro, de 1858 até os dias de hoje. O trabalho será multidisciplinar e na etapa inicial serão abordados aspectos que marcaram as transformações ocorridas com a chegada da Família Real ao Rio. Os professores de ciências tratarão de botânica e das espécies vegetais que contribuíram para a criação do Jardim Botânico; na aula de geografia, serão trabalhados mapas, situando Brasil e Portugal, além de abordadas questões econômicas e sociais relativas ao período. Já os professores de história trabalharão a biografia de personalidades como D. João, Carlota Joaquina e outros.

Não vai faltar assunto para discutir com os estudantes. Aspectos políticos destes 200 anos, como a transição dos regimes de colônia para reinado, daí para império, chegando à república serão enfatizados em sala de aula. Outro aspecto será o contraponto entre democracia e ditadura. O projeto inclui também discutir a pobreza, tendo como pano de fundo questões populacionais e de moradia, incluindo reflexões sobre preconceito e discriminação.

Em cena – Nas salas de aula e nas oficinas os alunos terão contato direto com aspectos culturais da época. O professor de artes cênicas e coordenador da oficina de teatro, Max Perei-



A chegada da Família Real foi lembrada com a representação das caravelas

ra Rocha, pretende montar um espetáculo lúdico sobre a chegada da Família Real. Para isso, está mergulhado na leitura do livro *1808*, de Laurentino Gomes. Segundo o professor, o objetivo é contar a história e também mostrar curiosidades. “O pára-quadras foi criado na mesma época, então imaginei incluí-lo em uma cena. Pensamos, por exemplo, em apresentar barbeiros fazendo pequenas cirurgias, como era comum na época, e depois mostrar D. João baixando o decreto que criou a Escola de Medicina”, vislumbra.

A imaginação está tomando conta de todos na escola. Os alunos produziram murais a partir de material reciclado. Com a orientação da professora de artes visuais, materiais que podiam ser reaproveitados, como garrafas *pet*, isopor, papéis que iriam para o lixo, plásticos, caixas e papel machê se tornaram colagens, que nas paredes da escola representam imagens bonitas para admirar. O próximo desafio será construir um mosaico sobre as caravelas da chegada da Família Real. Os trabalhos da primeira fase já têm prazo para ficar prontos: de 7 a 11 de julho.

A professora de educação física e coordenadora da oficina de dança, Juliana Moreira Reis, trabalha desde o ano passado expressão corporal, com ênfase na dança africana, para contar a chegada do negro ao Brasil. Nas aulas, as alunas tiveram a oportunidade de conhecer capoeira, maculelê e samba de roda até che-

gar ao *hip-hop*. Neste ano, as aulas serão centradas no lundu, que deu origem ao maxixe. O ritmo musical foi o mais aceito pelos europeus e se tornou extremamente popular. “No início, houve resistência à dança africana, mas através da expressão corporal tentamos passar todo o sofrimento do escravo. No final, as meninas começaram a se interessar. Elas foram incentivadas a criar comigo as coreografias”. A idéia, este ano, é apresentar um espetáculo musical com acompanhamento de bandolim, viola e pandeiro, instrumentos utilizados para interpretar canções do gênero.

Há três anos na oficina de dança, Juliana Antunes, de 13 anos, pretende seguir carreira artística. As técnicas aprendidas na oficina já renderam a ela uma vaga no balé clássico do Teatro Municipal de Nilópolis. A estudante se surpreendeu com as aulas de dança afro e resolveu se aprofundar. “A gente sentiu na pele a história dos nossos antepassados e passou a dar mais valor a isso”, acredita a aluna do 3º ano do 3º ciclo.

A programação inclui ainda concursos de maquetes e de desenhos, que serão orientados pelo centro de estudos (cest) da escola. Aliás, esse núcleo será um ponto de apoio importante para o projeto, já que poderá auxiliar os alunos na busca de informações para desenvolverem os trabalhos e ajudá-los no que puder ser melhorado nas disciplinas em que tiverem mais dificuldades. ■

Mais unidade na diversidade

TEXTO

MARTHA NEIVA MOREIRA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

O início do ano letivo na Rede foi marcado por uma ação inovadora da equipe do Departamento Geral de Educação da Secretaria Municipal de Educação (DGE/SME). Cerca de 1.500 professores se reuniram no auditório do Senai/Tijuca, na Rua Mariz e Barros, para assistir ao 1º Encontro Municipal de Formação e debater questões teóricas em torno do tema Currículo, Mídia e Leitura. A idéia teve o objetivo de ampliar a discussão sobre “a importância de elaboração de um currículo escolar para a promoção de uma sociedade mais humana, justa e solidária”, como aponta Leny Dadrino, diretora do DGE, no texto de abertura da apostila distribuída ao público: “ (...) trabalhamos por e para a construção de uma escola em sintonia com o seu tempo, com as questões sociais e culturais, pois desejamos e queremos uma escola pública de qualidade, promotora da inclusão social”. O evento levou ao público uma reflexão sobre a questão do tempo para todos nós e a dimensão mídia e seu impacto para a sociedade e especialmente para a escola, seus alunos e professores.

A novidade não foi tanto o formato do encontro, realizado nos dias 12 e 13 de fevereiro – uma

palestra única, repetida no segundo dia, sobre um tema relativo à prática dos professores, com amplo espaço para o diálogo –, mas a maneira pela qual o evento foi organizado. Dois meses antes, uma equipe do DGE/SME percorreu as 10 coordenadorias regionais (CREs) explicando o propósito do encontro e distribuindo material de apoio (uma apostila com textos explicativos sobre os diferentes departamentos que constituem a SME e um PowerPoint com os tópicos que seriam apresentados na palestra).

A idéia de levar às escolas e mesmo material a ser distribuído no encontro permitiu que todos os docentes pudessem tirar o máximo de proveito do conteúdo. “Conseguimos conversar com todos os diretores de escolas, antecipando o que seria tratado no encontro. Isso foi fundamental para que nas escolas as diferentes equipes criassem estratégias para que todos tivessem acesso ao conteúdo e debatessem o tema do evento”, informa Simone Monteiro, diretora da divisão de Mídia e Educação da SME. “O fato de as escolas saberem aquilo a que os professores iriam assistir permitiu que em cada uma o conteúdo fosse dinamizado de acordo com a

Kit é lançado no evento

O 1º Encontro foi palco ainda do lançamento do kit *Abraco completo à infância*, uma produção conjunta das equipes do Núcleo de Publicações e Impressos (NPI) da MULTIRIO e da Diretoria de Educação Infantil da SME. Trata-se de um material de apoio a profissionais de creche e pré-escola, composto por uma fita VHS e um DVD, além de um livro totalmente relacionado ao tema do disco de vídeo. A idéia do produto foi valorizar, nas creches e escolas de educação infantil, as relações que se estabelecem entre pessoas diferentes, com respeito à diversidade, tomando como ponto de partida a famosa “rotina” da educação infantil. Antes da palestra principal, Maria Inês Delorme, diretora do NPI, e Vera Lucas, da educação

infantil (EI), falaram um pouco sobre o projeto e exibiram um curto trecho do material, que já foi distribuído para escolas de EI e para professores de creches e pré-escolas.

Para quem ainda não teve a oportunidade de ver, o material explora de forma bem interessante e criativa alguns elementos significativos do dia-a-dia de quem trabalha em creches e pré-escolas, sob a ótica das relações de adultos com crianças, crianças com crianças etc. O vídeo, em formato de documentário, é dividido pelos mesmos temas do livreto, que são: adaptação, alimentação, banho, regras, egocentrismo, xixi/cocô, sexualidade, acidentes, medo e sono.



O auditório do Senai, na Tijuca, recebeu cerca de 1.500 professores da rede municipal de ensino nos dois dias do 1º Encontro Municipal de Formação

sua singularidade. Foi um excelente exercício de manter a unidade na diversidade”, completa Fátima Cunha, diretora da Diretoria de Educação Fundamental (DEF), da SME, que também foi responsável pela organização do encontro.

A iniciativa superou as expectativas e já há pedidos das coordenadoras das CREs para que a equipe da SME faça minipalestras para grupos menores de professores. Nedi de Jesus Rolo, diretora da Divisão de Educação da 7ª CRE, já encaminhou um pedido à divisão de Mídia e Educação. “Gostei muito do seminário. Achei que teve um enfoque bem prático e contemplou dúvidas que os docentes de fato encontram na sala de aula. A linguagem foi acessível e houve bastante espaço para o diálogo no final. Percebi, conversando com os professores que estiveram lá, que eles entenderam bem a proposta do evento e ficaram atentos a tudo”.

Ponto para a organização do encontro que, ao percorrer as CREs, conversando com diretores das escolas, pediu que eles indicassem um professor apto a multiplicar o que visse e ouvisse no evento. “Acho que os diretores souberam escolher os docentes para participar do seminário”, observa Nedi. Vale dizer ainda que

mais da metade dos participantes respondeu as perguntas da ficha de avaliação elaborada pela SME. Dos quase 1.500 presentes, 853 retornaram o formulário preenchido.

Tanto nas avaliações quanto no debate ao final de cada palestra foram levantadas questões importantes. “Destacamos como pontos relevantes as propostas sinalizadas pelos professores sobre a ampliação de um espaço de formação na escola. Quando eles se apropriam do espaço escolar como possibilidade de discussão das questões pertinentes ao desenvolvimento pedagógico do trabalho, temos garantia de um processo de ensino e aprendizagem qualificado e significativo. É importante que o trabalho coletivo seja assumido pela escola como um espaço democrático em prol do sucesso de professores e alunos. Destacamos ainda os comentários que apontaram para a qualidade do material entregue ao professor e a apresentação de um dos vídeos do kit *Abraço completo à infância [leia no quadro]*, que mobilizou não só os professores que trabalham nas creches, mas todos os que valorizaram o acolhimento dos alunos pela escola” completa Fátima. ■

Febre, sangrias e purgantes

Condições precárias de saúde pública em 1808 favoreceram a criação de duas escolas de medicina

Uma cidade espremida entre manguezais e o mar, rodeada de montanhas, repleta de mosquitos e com um ar quente, sufocante e malcheiroso. Assim era o Rio de Janeiro quando o príncipe regente D. João e sua corte chegaram em 1808.

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTO

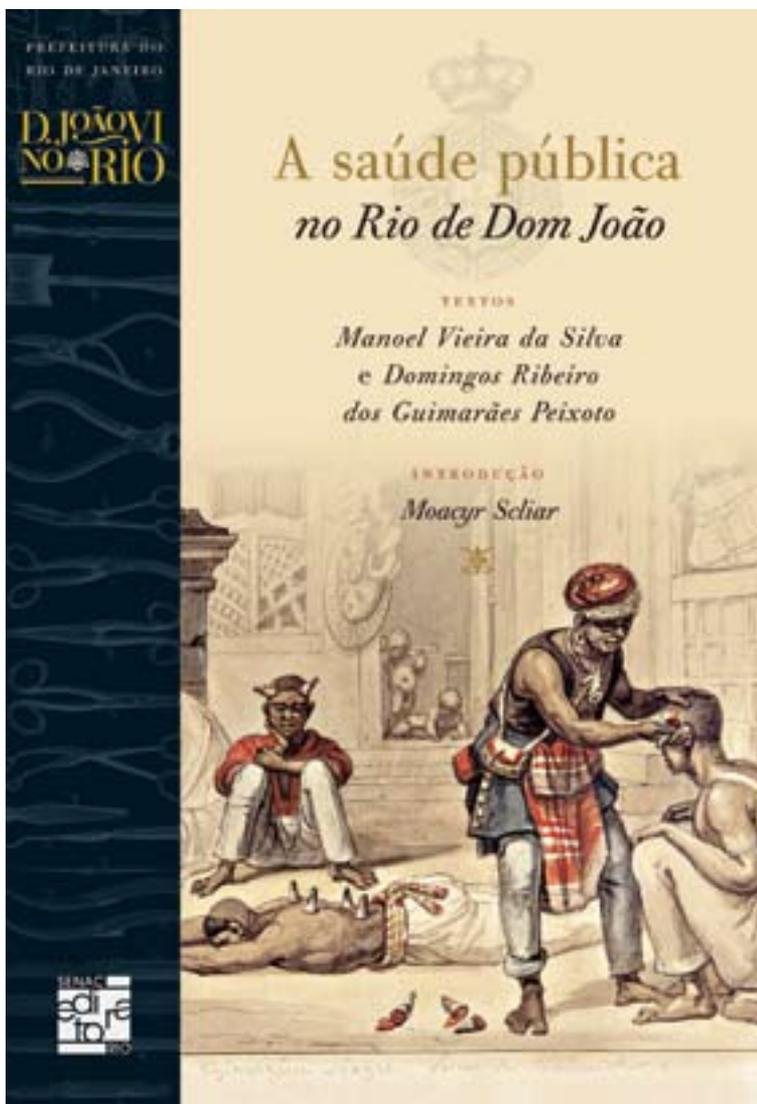
DIVULGAÇÃO/EDITORIA SENAC

A total falta de saneamento se refletia nas ruas estreitas e tortuosas, nas águas sujas por detritos jogados pelos habitantes, nos matadouros próximos à cidade, sem falar do cheiro

que emanava de corpos enterrados no interior das igrejas ou em covas rasas dos cemitérios. A situação sanitária da cidade preocupou o novo governante.

O primeiro relato publicado no país pelo médico da Família Real, Manoel Vieira da Silva, em 1808, trata dessa realidade. O texto “Reflexões sobre alguns dos meios propostos por mais conducentes para melhorar o clima da cidade do Rio de Janeiro” foi motivado pela urgência da corte em evitar o contágio pelas moléstias comuns na época. O médico destaca no texto a influência do clima quente e úmido sobre o solo e os habitantes da cidade, cuja população chegava perto dos 60 mil habitantes. Para ele, o ar das regiões pantanosas favorecia a proliferação das doenças, e por isso ele recomendou o aterramento dessas áreas. Propôs também a construção de uma área de quarentena para os escravos recém-chegados ao Rio, vistos como possíveis portadores de doenças. O médico denunciou, por fim, a falta de higiene nos matadouros e a má conservação dos alimentos nos açougues.

Dezoito anos depois, o cirurgião da Câmara de El-Rei Nosso Senhor, Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, publica “Aos Sereníssimos Príncipes Reais do Reino Unido de Portugal e do Brasil, e Algarves, os Senhores D. Pedro de Alcântara e D. Carolina Josefa Leopoldina oferece, em sinal de gratidão, amor, respeito e reconhecimento estes prolegômenos, ditados pela obediência, que servirão às observações, que for dando das moléstias cirúrgicas do país, em cada trimestre”. O texto, de 1820, que leva esse título tão comprido, também sugere que a topografia da cidade e o ar quente e úmido pudessem ser a origem de doenças e enumera condições desfavoráveis à higiene pública, como águas estagnadas em ruas e quintais, cadáveres enterrados nas igrejas, cavalariças e cocheiras entulhadas de esterco e falta de limpeza nos matadouros. O aleitamento materno e suas vantagens para a mãe e o bebê foram fortemente



defendidos pelo médico, que condenou a saúde das amas-de-leite.

Os dois relatos estão no livro *A saúde pública no Rio de Dom João*, lançado pela Prefeitura do Rio e pela Editora Senac em comemoração aos 200 anos da chegada da Família Real à cidade. Além de retratar as condições da saúde pública na época, a obra relembra os 200 anos do início da imprensa e da atividade editorial no país. Com prefácio de Moacyr Scliar, é ilustrada com imagens do acervo da Biblioteca Nacional.

Primeiras medidas – Para o embaixador Alberto da Costa e Silva, presidente da comissão encarregada das comemorações dos 200 anos da chegada da Família Real ao Rio, quando os médicos da corte constataram que os morros obstruíam a ventilação da cidade eles já antecipavam o que viria a acontecer mais tarde: a demolição do Morro do Castelo, em 1922. As primeiras providências tomadas por D. João foram justamente as sugeridas pelos médicos, como o aterro das áreas pantanosas localizadas no meio da cidade. “O Largo da Carioca era uma lagoa onde se lavava roupa. Boa parte da cidade estava abaixo do nível do mar, o que fazia com que as águas muitas vezes afluíssem para o interior”, relata o embaixador. Os habitantes ainda foram obrigados a varrer as testadas (a parte de frente) das suas casas e a limpar os terrenos onde jogavam o lixo. A ordem era para que o lixo fosse jogado ao mar, o que aumentou a propensão de escravos acometidos por doenças, já que eram os encarregados de transportar os detritos e excrementos domésticos às praias. A população os chamava de “tigres” porque os dejetos fecais sujavam-lhes os corpos, fazendo manchas escuras nas costas deles.

Alberto Costa e Silva fala das endemias da época, como a malária, a esquistossomose e as verminoses. Uma doença muito comum, que afligia os escravos, ficou conhecida como maculo, achaque do bicho ou corrupção do bicho. Era uma enfermidade que se caracterizava por inflamação do reto, com afrouxamento do esfíncter externo, causando febre, cefaléia e dores no corpo. A doença podia evoluir para uma gangrena na região e causar a morte do paciente.

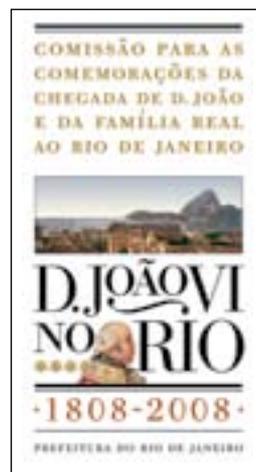
Os tratamentos mais comuns eram a sangria, os regimes e os purgantes. “Os médicos submetiam os pacientes a tratamentos atroz e

debilitantes. Ao mesmo tempo em que os escravos sangravam sem parar, os médicos prescreviam purgantes poderosíssimos, que lhes debilitavam as forças. Com isso muitos deles morriam”, afirma o presidente da comissão pelas comemorações pela vinda da Família Real.

Aliás, barbeiros e cirurgiões faziam a mesma coisa. Cortavam cabelo, aparavam barba, mas também faziam as sangrias. Colocavam sua cadeira no meio da rua para qualquer um desses procedimentos. A prática veio da Europa para o Brasil e, na época, se diferenciava o cirurgião do médico. Com a corte vieram os primeiros médicos. Estima-se que tenham chegado aqui 200 profissionais, segundo o livro *História da vida privada no Brasil*, organizado pelo historiador Luiz Felipe de Alencastro.

Enquanto a população com melhores condições financeiras apelava para os médicos, os escravos se defendiam como podiam. Muitos deles seguiam os procedimentos prescritos pela medicina popular africana, que subsistem até hoje em alguns lugares da África. Os tratamentos eram feitos à base de ervas, que também foram difundidas por aqui. Muitas vezes, os escravos curavam seus senhores com essas práticas. Alguns escravos também passavam por situações bastante inusitadas. Segundo o embaixador, há gravuras curiosíssimas, com figuras de médicos africanos aplicando ventosas e sanguessugas nos doentes.

As duas primeiras escolas de medicina no Brasil foram criadas pelo príncipe regente no Rio e em Salvador. A primeira foi a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Hospital Militar do Rio e a segunda a Escola de Cirurgia do Hospital Militar de Salvador. A formação dos profissionais era de seis anos, embora, mais tarde, a figura do cirurgião, socialmente inferior à do médico, desaparecesse com a unificação do ensino médico-cirúrgico. Um fato interessante é que um dos primeiros tratados de anatomia produzidos no Brasil, após a criação das instituições de ensino médicas, foi escrito por um médico que era filho do padre José Maurício Nunes Garcia (isso mesmo, filho do padre!). Nunes Garcia era um grande compositor de música erudita da época e bastante apreciado pelo príncipe regente D. João VI. Essa é uma das mais intrigantes e curiosas histórias que envolvem a chegada da Família Real ao Brasil. ■



SAIBA MAIS

Livros

- *O Império do Brasil*, de Lúcia Maria Pereira das Neves e Humberto Fernandes Machado. Editora Nova Fronteira, 1999.
- *A saúde pública no Rio de Dom João*, de Manoel Vieira da Silva e Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto. Editora Senac, 2008.
- *História da vida privada no Brasil*, vários autores. v. 2: “Império: a corte e a modernidade nacional”. Organizado por Luiz Felipe de Alencastro e Fernando Novais. Livraria Martins Fontes.

Revista

- As edições 51, 52, 56 e 57 de NÓS DA ESCOLA trazem reportagens sobre o período joanino no Brasil.

A imparcialidade como marca

Crônicas e poemas do escritor retratam episódios políticos no Brasil do século XIX, mas ele evita tomar partido



Jogo de capoeira, também conhecida por *Roda*, litografia do pintor e desenhista alemão Johann Moritz Rugendas, datada de 1835

Os acontecimentos históricos e políticos ocorridos no período em que viveu o escritor Machado de Assis retratam uma época importante e de grandes transformações na vida social brasileira. A crônica foi o gênero em que o autor melhor apresentou fatos e personalidades de um país que transitou do regime monárquico para o republicano, deu fim à escravidão, envolveu-se na Guerra do Paraguai e, como consequência, acabou passando por transformações físicas e de consciência.

A professora do Departamento de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) Keila Grinberg, uma das autoras do livro *Para conhecer Machado de*

Assis, diz que os 69 anos de vida do escritor foram permeados por importantes mudanças políticas no país. Ele nasceu no fim da década de 1830, quando ainda havia tráfico de escravos no Brasil. A corte portuguesa havia se instalado há pouco mais de 30 anos na cidade e até o ano da morte do escritor o país vivera a transição da monarquia para a república, em um período de intenso desenvolvimento tecnológico e de mudanças na paisagem da capital. Mas, para Keila, o tempo de Machado está relacionado ao Segundo Reinado e ao período de crise da monarquia.

Grande parte dos estudiosos da obra do cronista concordam em um aspecto: ele não se

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

REPRODUÇÕES DE ALBERTO JACOB FILHO

comprometeu a escrever críticas políticas nem tampouco discursos panfletários. A historiadora Anita Correia Lima de Almeida, co-autora de *Para conhecer Machado de Assis* e professora de história da Unirio, reconhece, no entanto, que Machado falava dos espaços da cidade que de alguma forma falavam de política. Um exemplo é a crônica “Tempo de crise”, que retrata uma crise ministerial e faz especulações sobre a formação do ministério seguinte. “No texto, ele afirma que a Rua do Ouvidor era o melhor lugar para saber das novidades. Alguém passava por fulano e recebia uma informação, falava com sicrano e descobria mais alguma coisa... Aí ia juntando as informações e no final do dia já estava com todo o ministério montado”, explica Anita. Um dos trechos da crônica ilustra o comentário da historiadora: “A Rua do Ouvidor é o lugar mais seguro para saber notícias. A casa do Moutinho ou do Bernardo, a casa do Desmarais ou do Garnier são verdadeiras estações telegráficas. Ganha-se mais em estar aí comodamente sentado do que em andar pela casa dos homens da situação”.

Outras transformações na política de transportes são contadas a partir da introdução do bonde na vida da cidade. A crônica “Bondes elétricos” não procura fazer uma crítica sobre o novo meio de locomoção, mas uma bem-humorada descrição da figura do condutor. “Para não mentir, direi que o que me impressionou antes da eletricidade foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu *bond*, com um grande ar de superioridade. Posto não fosse feio, não eram as prendas físicas que lhe davam aquele aspecto. Sentia-se nele a convicção de que inventara, não só o *bond* elétrico, mas a própria eletricidade”.

Olhar cotidiano – O membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) e autor do livro *Brás Cubas em três versões*, Augusto Bosi, diz que pelo fato Machado ter se interessado por contar histórias de parlamentares muitos pensam que ele reverenciava a política. Na realidade, em seu estudo, Bosi afirma que tudo indica que Machado não acreditava nem esperava nada (ou quase nada) da política e da história. Na época em que trabalhou no *Diário do Rio de Janeiro*, o escritor mais passava os dias no Senado para

observar os políticos e conversar com colegas de outros jornais do que propriamente para se posicionar sobre as decisões lá tomadas.

Editor da revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA), o acadêmico ressalta que uma das maiores crises políticas do império – aquela em que D. Pedro II demitiu do gabinete o liberal Zacarias de Góis substituindo-o pelo ultraconservador Visconde de Itaboraí – não teve destaque nas crônicas de Machado. Apesar de o monarca ter nas mãos o Poder Moderador (que lhe concedia poderes absolutos), a atitude soou como golpe, abuso de poder. Para alguns historiadores, o ato marcou o fim do regime monárquico e foi assunto que provocou intensa comoção nos meios partidários e nos jornais liberais. Apesar de Machado manifestar simpatia pelos liberais, em crônica de 1895, na qual retrata aquele momento, ele prefere fazer um relato sem cunho ideológico, falando de vaias e aplausos, sem dar o tom de intensidade que o momento pedia. O autor de *Dom Casmurro* escreveu sobre aquele dia de forma irônica: “Os liberais voltaram mais tarde, tornaram a sair e voltar, até que se foram de vez, como os conservadores, e com uns e outros o Império”. Nem mesmo o romance *Esau e Jacó*, que fala claramente da Proclamação da República, traz um posicionamento de Machado sobre o tema. Para Keila, paira a dúvida se o autor critica ou concorda com a mudança de regime político, justamente porque há um tom sarcástico em seu texto.

A crônica “O velho senado” é outro exemplo do estilo machadiano de falar com leveza e sem comprometimento de temas espinhosos da política. Em um trecho, descreve ter encontrado o republicano Quintino Bocaiúva, com quem fora tomar chá. “O nosso Bocaiúva era só a segunda parte, mas já então liberal o bastante para dar um republicano convicto. Ao chá, conversamos primeiramente de letras, e pouco depois de política, matéria introduzida por ele, o que me espantou bastante, não era usual nas nossas práticas”. Mais adiante, de uma maneira descontraída, ele opta por mostrar o clima no Senado: “Nenhum tumulto nas sessões. A atenção era grande e constante. Geralmente, as galerias não eram muito freqüentadas, e, para o fim da hora, poucos espectadores ficavam, alguns dormiam”.

**A sangrenta
Batalha de Tuiuti,
episódio da Guerra
do Paraguai,
retratado pelo
argentino Cândido
López em 1889**



SAIBA MAIS

Livros

- *Brás Cubas em três versões*, de Alfredo Bosi. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.
- *Machado de Assis: o enigma do olhar*, de Alfredo Bosi. São Paulo, Ática, 1999.
- *Para conhecer Machado de Assis*, de Keila Grinberg, Lucia Grinberg e Anita Correia Lima de Almeida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

Internet

- Academia Brasileira de Letras: www.academia.org.br
- O teatro político nas crônicas de Machado de Assis, por Alfredo Bosi <http://www.iea.usp.br/iea/artigos/bosimachado.pdf>
- Tempo de crise, de Machado de Assis: <http://www.biblio.com.br/conteudo/MachadodeAssis/tempodecrise.htm>
- "O velho senado", de Machado de Assis: www.senado.gov.br/sf/senadores/presidentes/Cronica_Machado_de_Assis.asp

Revista

- NÓS DA ESCOLA, n. 56 e 57 (seção *Machadiano*).

O autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* nasceu na época do tráfico de escravos e a escravidão era um assunto que despertava paixões. Apesar de descendente de escravos africanos, ele não se envolveu ativamente com a causa abolicionista, como políticos, advogados, jornalistas e escritores de sua época. Para Anita Correia, a escravidão só aparece como pano de fundo nas obras do escritor porque faz parte da sociedade retratada por ele. Entretanto, quem tenta descobrir algo mais engajado nessa narrativa acaba por não encontrar.

A crônica mais conhecida de Machado sobre o tema, "Abolição e liberdade", é interpretada como uma paródia das relações de escravidão. Na história, Pancrácio, um negro de 18 anos, é alforriado por seu senhor às vésperas do 13 de maio de 1888. Ao dar liberdade ao escravo, o homem chama os amigos e faz uma festa para comemorar o fato. Pancrácio resolve não partir quando seu antigo dono lhe oferece um ordenado de 6 mil réis. Em tom irônico, Machado narra que o senhor continuava dando petelecos e pontapés no ex-escravo e que, mais importante que um homem cumprir a lei, era antecipar-se a ela (referindo-se à Lei Áurea).

Na avaliação de Keila Grinberg, o posicionamento sobre a escravidão é mais visível na vida pessoal do autor de *Quincas Borba* do que propriamente na sua obra. Com a Lei do Ventre Livre, em 1871, passaram a ser considerados livres todos os filhos de escravas nascidos a partir da data de promulgação da lei. Com isso, o maior desafio era registrar todos os escravos existentes. Os que não fossem registrados por seus senhores no prazo de um ano seriam

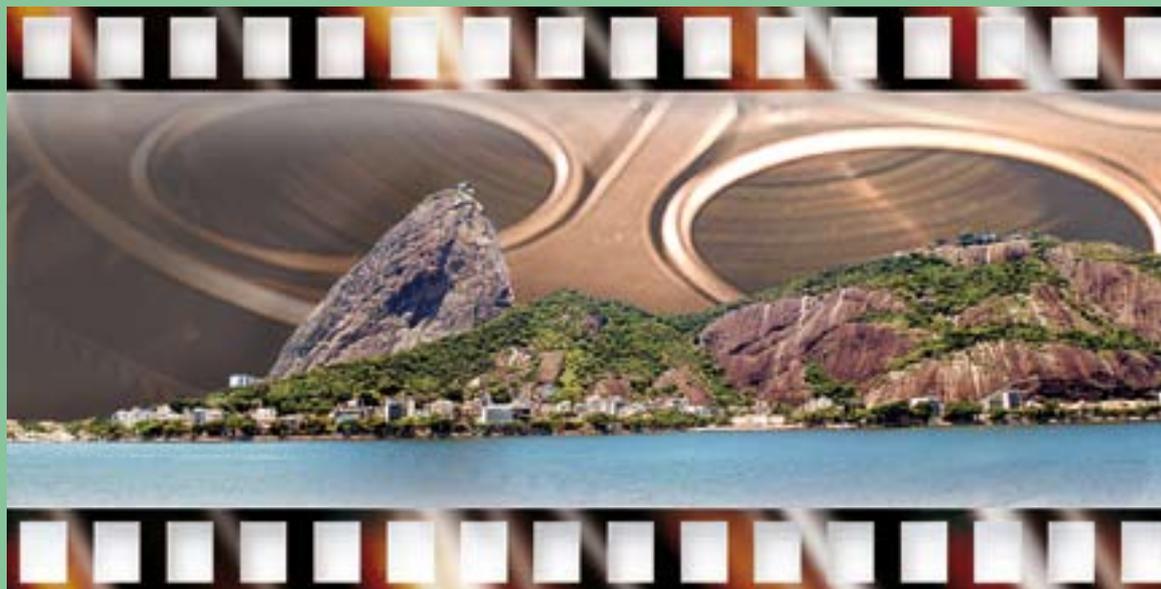
obrigatoriamente alforriados. Uma das funções de Machado, então funcionário do Ministério da Agricultura, era fiscalizar a aplicação da lei pelos senhores. Como defendia a aplicação rigorosa da lei, ele favoreceu a libertação de muitos escravos.

Um fato que provavelmente tenha despertado a paixão de Machado foi a Guerra do Paraguai. Sobre a guerra, o escritor publicou o poema "A cólera do império", de maio de 1865. Nos versos, exalta o Exército brasileiro: "Se o império é fogo, também é luz: a brasa, mas clara. Onde levar a flama da Justiça, deixa um raio de nova libertada. Não lhe basta escrever uma vitória, lá onde a tirania oprime um povo (...)" O conflito foi iniciado em 1864, envolvendo uma aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai. Entretanto, com o decorrer do conflito, ficou evidente o despreparo do Exército brasileiro.

Em 1894, Machado escreveu uma crônica retratando o desgaste do Império, que foi determinante para a proclamação da república: "não há dúvida de que os relógios, após a morte de Lopez [Solano Lopez, presidente do Paraguai], andam muito mais depressa".

O olhar de Machado, mais preocupado com o cotidiano e o sarcástico do que com o político, é uma marca deixada na sua obra sobre o seu tempo, retratando fatos e episódios que trazem um panorama geral da história do Brasil. O que não impede que, estudantes e professores possam utilizar suas crônicas e romances como pontapé inicial para discussões mais aprofundadas na sala de aula sobre política, história e literatura. ■

Neste mês fizemos uma seleção de 20 filmes nacionais, tema da seção *Carioca*, que traz uma matéria sobre a Cinemateca Rio.



Pro dia nascer feliz

Documentário, 2005. Direção: João Jardim

Mutum

Drama, 2007. Direção: Sandra Kogut

O céu de Suely

Drama, 2007. Direção: Karim Ainouz

Vidas secas

Drama, 1963. Direção: Néelson Pereira dos Santos

Edifício Master

Documentário, 2005. Direção: Eduardo Coutinho

Depois daquele baile

Comédia romântica, 2006. Direção: Roberto Bomtempo

Do luto à luta

Documentário, 2005. Direção: Evaldo Mocarzel

Doutores da alegria

Documentário, 2005. Direção: Mara Mourão

Faixa de areia

Documentário, 2007. Direção: Daniela Kalmann, Flávia Lins e Silva

Fabio fabuloso

Documentário, 2004. Direção: Pedro Cezar, Ricardo Bocão e Antonio Ricardo

Narradores de Javé

Comédia, 2003. Direção: Eliane Caffé

Nós que aqui estamos por nós esperamos

Documentário, 1999. Direção: Marcelo Masagão

A pessoa é para o que nasce

Documentário, 2003. Direção: Roberto Berliner

Proibido proibir

Drama, 2006. Direção: Jorge Durán

Vida de menina

Drama, 2004. Direção: Helena Solberg

Fabricando Tom Zé

Documentário, 2006. Direção: Décio Matos Jr

Terra em transe

Drama, 1967. Direção: Glauber Rocha

Três irmãos de sangue

Documentário, 2007. Direção: Angela Patricia Reiniger

Cinema, aspirinas e urubus

Drama, 2005. Direção: Marcelo Gomes

Janela da alma

Documentário, 2002. Direção: João Jardim

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio							
14h-14h30	Ninguém Merece	Br@nché (língua francesa) Abraço Completo à Infância	Nós da Escola	Crônicas da Minha Escola Juro Que Vi	Aventuras Cariocas Gerúndio e Cacófato Memórias Cariocas	9h-9h30	Ninguém Merece Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas
14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h	Abraço Completo à Infância Aqui no Meu País
Net - canal 14							
7h30 - 8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados
8h-9h	Tempo e Clima Contos Desfeitos Um Sonho de Criança As Formas do Invisível Museu Mutante Lucas e Lucinda A Rua do Zôo 64 Aqui no Meu País	Tempo e Clima Contos Desfeitos Um Sonho de Criança As Formas do Invisível Museu Mutante Lucas e Lucinda A Rua do Zôo 64 Aqui no Meu País	Tempo e Clima Contos Desfeitos Um Sonho de Criança As Formas do Invisível Museu Mutante Lucas e Lucinda A Rua do Zôo 64 Aqui no Meu País	Tempo e Clima Contos Desfeitos Um Sonho de Criança As Formas do Invisível Museu Mutante Lucas e Lucinda A Rua do Zôo 64 Aqui no Meu País	Tempo e Clima Contos Desfeitos Um Sonho de Criança As Formas do Invisível Museu Mutante Lucas e Lucinda A Rua do Zôo 64 Aqui no Meu País	Juro Que Vi Aventuras Cariocas Abriendo o Verbo	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas
9h-9h30	Abriendo o Verbo <i>Temas:</i> Ensino Médio I (7); Música (14); Leitura (21); Jogos Eletrônicos (28)	Cantos do Rio	Encontros com a Mídia <i>Convidados:</i> Belisário França (2); Jorge Bodanzky (9); Orlando Guilhon (16); Pedro Lessa (23)	Nós da Escola	Aventuras Cariocas Juro Que Vi	Crônicas da Minha Escola Abraço Completo à Infância	Como a Arte Moldou o Mundo Poder da imagem nas sociedades humanas
9h30-10h	Noah e Saskia Série australiana	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Noah e Saskia Série australiana	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Noah e Saskia Série australiana	Criatividade Memórias Cariocas Gerúndio e Cacófato Conversa de Criança Atletas do Rio Visões do esporte	
10h-10h30	Aventuras Cariocas Juro Que Vi	Encontros com a Mídia <i>Convidados:</i> Belisário França (1); Jorge Bodanzky (8); Orlando Guilhon (15); Pedro Lessa (22)	Abriendo o Verbo Ensino Médio I (2); Música (9); Leitura (16); Jogos Eletrônicos (23)	Cantos do Rio	Nós da Escola	Ninguém Merece	Documentário Nacional <i>Temas:</i> Assalto ao Poder II (6); O Mundo Cabe Numa Cadeira de Barbeiro (13); Acima do Peso (20); Papagaios Amarelos (27)
10h30-11h	Como a Arte Moldou o Mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	O Mundo Secreto dos Jardins	Viajantes da História	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Histórias Animadas de Shakespeare	Encontros com a Mídia <i>Convidados:</i> Belisário França (5); Jorge Bodanzky (12); Orlando Guilhon (19); Pedro Lessa (26)	
11h-11h30	Contos de Fadas Poloneses É Tempo de Diversão	Vamos Brincar Religiões do Mundo	Documentário Nacional <i>Temas:</i> Assalto ao Poder II (2); O Mundo Cabe Numa Cadeira de Barbeiro (9); Acima do Peso (16); Papagaios Amarelos (23)	Ninguém Merece	Viajantes da História	Nós da Escola	Cantos do Rio
11h30-12h	Crônicas da Minha Escola Abraço Completo à Infância	Contos de Wilde		Arte na Galeria	Contos de Wilde	Nova temporada do Nós da Escola na TV em abril O programa <i>Nós da Escola</i> ganha edições inéditas a partir do dia 9 de abril. O programa terá um novo cenário a partir de maio e discutirá temas como a alfabetização, a biodiversidade da Floresta Amazônica, além de homenagear figuras como o cientista Darwin e o escritor Carlos Drummond de Andrade. O tema de estréia será a personalidade brasileira, representada por gênios que marcaram e marcam a nossa história: Oswaldo Cruz, Braguinha, Oscar Niemeyer e Ariano Suassuna. O <i>Nós da Escola</i> continuará no mesmo horário: quartas, às 14h, na BandRio, com representação às segundas, às 12h35, às quintas, às 19h, às sextas, às 10h e aos sábados, às 11h, no canal 14 da Net.	
12h-12h30	Reflets Arte na Galeria	Reflets Memórias Cariocas Conversa de Criança	Reflets Abraço Completo à Infância Gerúndio e Cacófato	Reflets Arte em Questão Visões do Esporte	Br@nché (língua francesa)		
12h30-13h	Criatividade Nós da Escola	Aventuras Cariocas Juro Que Vi	Como a Arte Moldou o Mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Crônicas da Minha Escola Atletas do Rio	Ninguém Merece		
13h-13h30	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados		

Um prato feito de **SOLIDARIEDADE**

**Programa Cozinheiras Comunitárias:
2 refeições diárias, por apenas R\$ 0,50 centavos.**

- A Obra Social da Cidade do Rio de Janeiro já implantou 23 refeitórios do programa Cozinheiras Comunitárias nas comunidades mais carentes. Em cada um deles, são servidas 200 refeições por dia.
- Das 5 às 7 da manhã, por apenas R\$ 0,50, os moradores têm café da manhã e almoço. Alguns preferem levar o almoço para casa ou para o trabalho.
- O cardápio muda a cada dia e é orientado por uma nutricionista, que treina as cozinheiras.
- As cozinheiras deste programa são moradoras da própria comunidade e o seu trabalho é pago com o dinheiro da venda das refeições.

Obra Social: esta obra você não vai querer que acabe.

QUALIDADE DE VIDA É A NOSSA OBRA

Obra Social

DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

 **PREFEITURA**
ASSISTÊNCIA SOCIAL





Guernica (1937), do espanhol Pablo Picasso. Óleo em painel de 3,50m x 7,82m

NÓS DA ESCOLA

**No próximo número:
Conhecimento social e político**